

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
HABILITAÇÃO JORNALISMO

DAIANE VIVAN POMATTI

**OS SENTIDOS DE ÉTICA NO TENSIONAMENTO ENTRE AS GRANDES
REPORTAGENS PROFISSÃO REPÓRTER E LOS MIEDOS SE HUNDEN EN EL
MAR:**
questionamento, reiteração e rompimento

Porto Alegre

2014

DAIANE VIVAN POMATTI

**OS SENTIDOS DE ÉTICA NO TENSIONAMENTO ENTRE AS GRANDES
REPORTAGENS PROFISSÃO REPÓRTER E LOS MIEDOS SE HUNDEN EN EL
MAR:**

questionamento, reiteração e rompimento

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Sean Aquere Hagen

Porto Alegre

2014

DAIANE VIVAN POMATTI

**OS SENTIDOS DE ÉTICA NO TENSIONAMENTO ENTRE AS GRANDES
REPORTAGENS PROFISSÃO REPÓRTER E LOS MIEDOS SE HUNDEN EN EL
MAR:**
questionamento, reiteração e rompimento

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Sean Aquere Hagen

Conceito final:

Aprovado em: dezembro de 2014

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Sean Aquere Hagen (orientador) – UFRGS

Prof.^a Dr.^a Marcia Benetti Machado – UFRGS

Prof.^a Ms. Débora Lapa Gadret – Unisinos

*El periodismo es una pasión insaciable que
sólo puede digerirse y humanizarse por
su confrontación descarnada con la realidad.*

*El mejor oficio del mundo
Gabriel García Márquez*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha mãe Ilda Maria Vivan Pomatti, que mesmo à distância sempre se fez presente no processo de realização deste trabalho de conclusão, ao meu pai, Helio Pomatti, e à minha irmã, Graciane. O apoio de vocês em todas as minhas escolhas, em todos os momentos da minha vida, são fundamentais para a minha formação profissional e pessoal. Com certeza, a minha atuação no jornalismo sempre terá os ensinamentos de vocês como base.

Também gostaria de agradecer às minhas amigas e colegas de apartamento – Angela, Joana e Michele – pela paciência e compreensão durante esse semestre, aos meus amigos, familiares, colegas de faculdade, ao pessoal da Aiesec, aos meus chefes e colegas do Grupo Bandeirantes. Obrigada por me ouvirem, me apoiarem, trazerem apontamentos importantes à minha pesquisa e me fazerem lembrar todos os dias que seria possível, e que a vida tem muitos lados bons :)

Um agradecimento muito especial ao meu orientador, Sean Aquere Hagen, pois sem o seu auxílio, paciência, horas fazendo orientação por e-mail, este trabalho não teria sido possível. Agradeço por ter acreditado na minha pesquisa, por ter me apoiado em todos os momentos de dificuldade, pela dedicação, ensinamentos e considerações – principalmente pelas músicas que jamais me deixarão escrever “aquela” expressão novamente.

E claro, à Fabico, por ter me proporcionado cinco anos de aprendizado, companheirismo, festas e amizades.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo verificar quais os limites éticos quando o jornalista interfere nos acontecimentos para dar, supostamente, maior visibilidade e abrangência à narrativa. Foram analisados *Los miedos se hunden en el mar* (veiculada no site da FNPI) e o *Profissão Repórter* (exibido em 6 de maio de 2014, na Rede Globo) que cobriu os bastidores do programa. As duas grande reportagens televisivas foram gravadas em Cartagena, na Colômbia, em fevereiro de 2014, tendo como ponto de partida oficinas realizadas pela *Fundación Gabriel García Márquez para el Nuevo Periodismo Iberoamericano (FNPI)*. Caco Barcellos, ministrante de uma oficina, mostrou o trabalho de cobertura de 3 jornalistas latino-americanos – México e Colômbia – sobre Rosalba, moradora da favela Nelson Mandela, vítima da violência, que nunca havia entrado no mar. Para analisar os sentidos encontrados nessas reportagens, a pesquisa entendeu o jornalismo como agente social ativo na construção da realidade, além de se apoiar nos estudos da ética. Por meio da utilização da análise de discurso de linha francesa (AD), encontrou três formações discursivas que constroem o sentido do fazer ético: questionamento, reiteração e rompimento.

Palavras-chave: Telejornalismo. Ética. Análise do Discurso. Profissão Repórter. Los miedos se hunden en el mar.

ABSTRACT

This study aims to verify the ethical limits when the journalist interferes in events to provide, supposedly, more visibility and scope to the narrative. It was analyzed the big television report *Los Miedos se hundren en el mar* (posted on site of FNPI) and the television program *Profissão Reporter* (exhibited in may 6th 2014, at Rede Globo) which covered the backstage of *Los Miedos se hundren en el mar*. The two big television reports were recorded in Cartagena, Colombia, in February 2014, having as a starting point some workshops organized by Fundación Gabriel Garcia Marquez para el Nuevo Periodismo Iberoamericano (FNPI). Caco Barcellos, ministrant of one of the workshops, showed the cover work of three latin-american journalists - from Mexico and Colombia – about Rosalba, resident of the Nelson Mandela slum, victim of violence, who had never been at the sea. To analyze the meanings found in these reports, the research understood the journalism as an active social agent in constructing the reality, besides, it is supported by ethical studies. Through the use of French line speech analysis (AD), three discursive formations were found, which build the sense of making ethic: questioning, reiteration and rupture.

Key-words: telejournalism, ethics, speech analysis, *Profissão Repórter*, *Los Miedos se hundren en el mar*.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 JORNALISMO, TELEJORNALISMO E CONSTRUÇÃO SOCIAL	12
3 ÉTICA E CONSTRUÇÃO DO JORNALISMO	23
4 METODOLOGIA	33
4.1 Análise de Discurso.....	33
4.2 Corpus.....	35
4.2.1 Programa Profissão Repórter.....	36
4.2.2 Fundación Gabriel García Márquez para el Nuevo Periodismo Iberoamericano (FNPI).....	37
4.2.2.1 Los miedos se hunden en el mar.....	38
4.3 Informações análise.....	39
5 ANÁLISE ÉTICA DO PROFISSÃO REPÓRTER E DA GRANDE REPORTAGEM LOS MIEDOS SE HUNDEN EN EL MAR	41
5.1 Ética questionada.....	43
5.2 Ética reiterada.....	45
5.3 Ética rompida.....	48
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS	66
ANEXO 1	68
ANEXO 2	73

1 INTRODUÇÃO

O jornalismo representa um importante papel na mediação entre o público e o conhecimento de mundo que é construído diariamente. A partir da proposição de assuntos considerados relevantes para serem discutidos pela sociedade, o jornalista torna-se agente na construção de um espaço político e social e, portanto, auxilia na construção e no fortalecimento da democracia. Para isso, ele se utiliza dos meios de comunicação, cada um com suas especificidades de discurso e de técnicas de narrativas.

A televisão pode ser considerada como o principal meio de acesso à informação no Brasil, pois está presente na quase totalidade das residências do país e também por ser democrática e capaz de retratar a pluralidade de ideias e de opiniões nos mais diferentes tipos de programas. Com isso, a partir do telejornalismo, ela exerce um papel fundamental no processo de envolvimento do público com a realidade social, isso porque o jornalismo televisivo tem a capacidade de levar aos telespectadores notícias de diferentes regiões, provocando uma sensação de reconhecimento de outras localidades e aspectos do cotidiano.

Nesse contexto, está a grande reportagem semanal da Rede Globo, *Profissão Repórter* – que a partir de um formato em que o próprio fazer jornalístico é discutido por Caco Barcellos e “os bastidores da notícia” são apresentados aos espectadores – se propõe a abordar as mais diversas temáticas, trazendo realidades de diferentes locais. Como é o caso do programa selecionado para esta análise, que traz Caco Barcellos acompanhando uma cobertura realizada por jornalistas ibero-americanos em uma favela em Cartagena, na Colômbia.

A escolha por realizar esse estudo está relacionada primeiramente pela minha proximidade com o telejornalismo durante toda a graduação: desde o início da faculdade atuei no Núcleo de Produção Audiovisual da UFRGS, depois estagiei por um ano no jornalismo da TVE – Fundação Cultural Piratini, onde trabalhei na produção e reportagem do Jornal da TVE 2ª edição, e realizei um intercâmbio para estudar comunicação audiovisual na *Universidad de Vigo*, em Pontevedra, na Espanha. Esse interesse pela área está diretamente relacionado à visão da televisão, e conseqüentemente do telejornalismo, como instrumentos democráticos capazes de levar a informação às pessoas que vivem nas mais distintas realidades, com diferentes graus de instrução e classes sociais. Isso devido à crença de que as pessoas somente

poderão viver em um mundo mais igualitário, capaz de respeitar a diversidade, no momento em que receberem informações que mostrem a verdadeira realidade em que estamos inseridos, dando voz para as minorias e abordando temáticas diversas, desde que a verdade seja sempre utilizada como base. Aqui entra o segundo motivo pela escolha por essa monografia: compreender os processos de construção da ética. O trabalho do jornalista deve ter a veracidade como fundamento e, mais do que isso, deve visar à promoção de um bem comum, buscando melhorias para um grupo de pessoas sem privilegiar ninguém. Dessa forma, surge o questionamento sobre qual é o limite do relacionamento do jornalista com um fato, quando se torna difícil manter o distanciamento, porque do outro lado existem seres humanos. E é essa indagação que está presente no programa *Profissão Repórter* exibido em 06 de maio de 2014, e também na grande reportagem *Los miedos se hunden en el mar*.

A discussão da maneira como a ética é abordada em grandes reportagens se torna relevante, portanto, devido à sua importância para o jornalismo e, conseqüentemente, para a construção da sociedade atual. No campo da Comunicação Social e na área de Jornalismo, a pesquisa contribuirá com a discussão dessa construção da ética como elemento-base de uma reportagem, pois mesmo que já exista um número relevante de pesquisas na área de telejornalismo, poucos trabalhos foram realizados abordando diretamente a ética jornalística a partir do relacionamento do profissional com os fatos.

Baseada nessas considerações, a monografia tem como objetivo geral verificar quais são os limites éticos do jornalista no momento em que ele interfere nos acontecimentos para dar, supostamente, maior visibilidade e abrangência à narrativa. Como objetivos específicos, a pesquisa se propõe a 1) identificar os conceitos que formam o sentido da ética nas duas reportagens; 2) compreender como os jornalistas constroem o sentido da ética jornalística a partir do relacionamento com os fatos.

Para a realização desta pesquisa foi utilizada a análise de discurso de linha francesa, pois ela busca compreender de que maneira os objetos simbólicos produzem sentidos, não admitindo a neutralidade da linguagem. A partir da análise de discurso foi possível refletir sobre os enunciados produzidos pelos sujeitos, e perceber como os jornalistas construíram a ética a partir do seu trabalho.

O desenvolvimento dessa pesquisa é dividido em seis partes, iniciando por essa introdução. Na sequência, o segundo capítulo discute o jornalismo a partir da teoria

construcionista, considerando o jornalista um agente participante na construção social da realidade. Além disso, traz a importância da televisão como instrumento democrático, igualitário e libertador e o telejornalismo como forma de conhecimento crítico, preocupado com a realidade e com a informação – mas mais do que isso, capaz de estabelecer um vínculo de cumplicidade com o público. No final desse capítulo ainda é apresentada a grande reportagem, que pelo seu formato permite que o jornalista se aproxime mais com a temática apresentada, e com isso possa tratar de maneira sistemática e com aprofundamento os acontecimentos.

No terceiro capítulo é trazida a importância e necessidade da ética na construção do jornalismo. Para isso, são expostos conceitos que buscam definir valores éticos e morais, a necessidade de liberdade de imprensa e a construção ética jornalística a partir de correntes filosóficas – como o utilitarismo e a corrente deontológica. Também são apresentados conceitos fundamentais como a verdade, a necessidade de uma visão sistêmica sobre os fatos, o tratamento das fontes e a missão do jornalismo.

O capítulo quatro compreende a exposição da metodologia – baseada na análise de discurso – e o detalhamento do corpus – programas *Profissão Repórter* e *Los miedos se hunden en el mar*. No quinto capítulo é apresentada a análise, trazendo as categorias que formam o sentido da ética – ética questionada, ética reiterada e ética rompida – a partir de exemplos, questionamentos e situações selecionadas nas duas grandes reportagens. Por fim, o sexto capítulo traz as considerações finais dessa pesquisa e, logo após, as referências. Os anexos, com as FDs em espanhol presentes em *Los miedos se hunden en el mar*, encerram o trabalho.

2 JORNALISMO, TELEJORNALISMO E A CONSTRUÇÃO SOCIAL

Ao pensar o jornalismo é imprescindível perceber o importante papel que ele representa dentro da sociedade enquanto participante da sua construção. Ao se colocar como instrumento de busca pela verdade do cotidiano – se embasando nela para a obtenção de um status de credibilidade – e se posicionar como ferramenta para a construção da democracia, o jornalismo passa a influenciar diretamente na realidade vista e vivida pelos cidadãos.

Desde o século XIX, o jornalismo tem se desenvolvido na busca pela informação relevante para a cidadania, na luta contra a censura e em prol da liberdade. E é no princípio de “poder controla poder”, em um novo enquadramento da democracia, que surge o reconhecido “Quarto Poder”: uma maneira de justificar a representatividade do jornalismo na sociedade e, mais do que isso, afirmá-lo como um negócio rentável. O termo foi utilizado pela primeira vez pelo então deputado inglês Thomas McCaulay, em 1828, relacionando o jornalismo aos três estados da Revolução Francesa: clero, nobreza e burguesia – nos moldes da democracia contemporânea ele estaria junto com o executivo, legislativo e judiciário.

A legitimação do mito do “Quarto Poder” estaria associada ao conceito de opinião pública, em que a imprensa agiria como fonte esclarecedora – por meio da qual a sociedade poderia se manifestar – e faria uma mediação entre público e governo. Para Boyce (1978), a imprensa seria um elo indispensável entre a opinião pública e as instituições governantes (BOYCE apud TRAQUINA, 2004, p.47)¹. No entanto, hoje percebemos esse ideal de maneira bastante controversa, pois o jornalismo se utiliza cada vez mais de seu poder de influência perante os espectadores para atender a interesses privados, ou simplesmente manter os níveis de audiência, muitas vezes, se utilizando de recursos que não cumprem com os preceitos éticos e fundamentais da profissão.

O momento que marca uma grande mudança no jornalismo – e que segue exercendo influência na maneira em que ele é produzido até os dias de hoje – é a emergência da imprensa no século XIX. Antes disso, o papel desempenhado pelo fazer jornalístico na sociedade estava relacionado à luta política, identificado com causas políticas e também

1

BOYCE, G., (1978). “The Fourth Estate: The Reappraisal of a Concept”. In Boyce, Curran e Wingate (eds.). *Newspaper History: From the Seventeenth Century to the Present Day*. London: Constanble and Beverly Hills, Ca.: Sage Publications.

partidárias. Mas a partir da imprensa, viu-se no jornalismo uma possibilidade de negócio – passível de lucro – com a impressão de tiragens, e os profissionais se tornaram fornecedores de notícias. O jornalismo passou, então, a ser apoiado em fatos e não em opiniões, e surgiu uma nova relação, baseada na interdependência entre jornalismo e liberdade.

A teoria democrática argumenta que o jornalismo, inicialmente identificado apenas com a imprensa, deve ser um veículo de informação para equipar os cidadãos com as ferramentas vitais ao exercício dos seus direitos e voz na expressão das suas preocupações. (Christians; Ferre; Fackler, 1993 *apud* TRAQUINA, 2004, p.129).²

Com isso, o papel de mediador do jornalismo na sociedade passa a se desenhar de maneira mais clara. Nesse momento, surge a conquista de uma autonomia relativa, com a percepção da existência de dois polos dominantes: de um lado, o econômico, de outro, o ideológico. Assim, segundo Traquina (2001), o jornalismo intensifica sua busca por ideologias justificativas (como a noção de uma imprensa livre, o ideal do Quarto Poder, ou seja, características que criam uma identidade profissional) e consegue definir o chamado *ethos* jornalístico, responsável por conduzir a maneira ideal de se trabalhar como jornalista:

nomeadamente o de um comunicador desinteressado que não só serve à opinião pública e constitui uma arma imprescindível em democracia contra a tirania insensível ou quaisquer eventuais abusos de poder, mas também que se sente comprometido com a verdade. (TRAQUINA, 2001, p.28).

O *ethos* é, portanto, uma orientação para que os profissionais desenvolvam seu trabalho, e vai além de um código de ética da profissão, pois traz implicados valores até hoje considerados essenciais para que o jornalismo cumpra com sua função social. Dentre eles está a liberdade, núcleo central em uma relação entre jornalismo e democracia, utilizada como principal mecanismo de defesa contra a censura – o que se pode observar nos mais diferentes momentos da história, embasado em Traquina (2004). “Os jornalistas estiveram e estão na frente da luta pela liberdade e na luta pela defesa da liberdade perante qualquer tentativa de limitar essa liberdade” (TRAQUINA, 2004, p.131). É importante, no entanto, perceber que o discurso pela liberdade de imprensa vem sendo adotado não apenas na voz dos jornalistas, mas também pelas empresas jornalísticas – cada um com interesses diferentes no que se relaciona a essa liberdade – o que intensifica a necessidade da “independência e a autonomia

2 Christians, C., Ferre, J. P. e P. M. Fackler (1993). Good News, Social Ethics and the Press. New York: Oxford.

dos profissionais em relação aos outros agentes sociais” (TRAQUINA, 2004, p.131).

É fundamental que os jornalistas tenham isso em mente, principalmente no que se relaciona às organizações jornalísticas e às fontes, pois a independência e a autonomia são essenciais para a garantia da credibilidade profissional. Isso porque a credibilidade está embasada em um trabalho contínuo de verificação dos fatos e análise das fontes de informação, o que leva a outro valor fundamental: a associação com a verdade (TRAQUINA, 2004, p.133). É importante levar em consideração, concordando com Silvia Lisboa (2012), que o jornalismo é visto pelo público como credível na medida em que se sustenta pelos pilares da verdade e da justificação, e mais do que isso, a “*credibilidade percebida* da prática será resultado de uma intensa e permanente negociação de sentidos entre o jornalismo e seu público” (LISBOA, 2012, p. 24).

A objetividade também foi um valor que adquiriu relevância, mas não apenas como um conceito de oposição à subjetividade do profissional. Objetividade vai muito além disso, é um método jornalístico de verificação dos fatos, que auxilia na busca pela verdade, instrumento essencial na construção do jornalismo.

A objetividade no jornalismo não é a negação da subjetividade, mas uma série de procedimentos que os membros da comunidade interpretativa utilizam para assegurar uma credibilidade como parte não-interessada e se protegerem contra eventuais críticas ao seu trabalho. (TRAQUINA, 2004, p.139).

Esse conceito de objetividade está diretamente ligado a uma busca pelo equilíbrio. Os jornalistas acreditam que seu trabalho se torna crível a partir do uso de quatro procedimentos, como identifica Tuchman (1993): a apresentação de possibilidades conflituosas, utilização de provas auxiliares, uso judicioso de aspas e a estruturação da informação em uma sequência adequada. Mas a grande questão está em perceber que, mesmo com a utilização da objetividade como ideal, o jornalismo carrega subjetividades. O profissional pode se cercar dos mais diferentes métodos para a construção de uma notícia, mas sempre vai carregar suas crenças, seus conhecimentos prévios, sua forma de vida, suas ideologias, entre outros valores intrínsecos no momento em que estiver relatando qualquer acontecimento.

As questões relacionadas à construção de uma notícia, porém, devem ir além da bagagem cultural do jornalista e da realidade social em que ele está inserido. Embasado em Traquina (2004), há a percepção de que o jornalismo é altamente condicionado, mas

reconhece-se que mesmo assim, o trabalho jornalístico tem “autonomia relativa”. Essa autonomia – mesmo que não seja absoluta devido ao poder das empresas – está presente nos momentos em que o jornalista tem poder de decisão quando seleciona um entrevistado, opta por destacar um aspecto da informação em detrimento de outro, escolhe as palavras que são utilizadas, o que configura a existência de “poder” nas mãos dos profissionais. Portanto, os “jornalistas são participantes ativos na definição e na construção de notícias, e por consequência na construção da realidade” (TRAQUINA, 2004, p. 26). Além disso, a notícia é considerada como consequência de um processo negociado entre diversos agentes.

As notícias são o resultado de processos complexos de interação social entre agentes sociais: os jornalistas e as fontes de informação; os jornalistas e a sociedade; os membros da *comunidade profissional*, dentro e fora de sua organização. (TRAQUINA, 2004, p.173, grifo do autor).

Essa é a base da teoria construcionista que, de acordo com Traquina (2004), defende as notícias como atuantes na construção da própria realidade, além de considerar a linguagem neutra e a imparcialidade do jornalista como algo impossível. A teoria apresenta as notícias como estórias – narrativas de cunho popular que objetivam instruir o interlocutor – o que ajuda na compreensão da dimensão cultural dessas notícias. Nessa perspectiva, “embora sendo índice do “real”, as notícias registram as formas literárias e as narrativas acontecidas para enquadrar o acontecimento” (TRAQUINA, 2001, p.87).

A visão do jornalismo como construção da realidade vem se contrapor à teoria do espelho por não aceitar que ele seja uma reprodução fiel da realidade. A teoria construcionista se consolidou nos anos 70, em um processo de amadurecimento no que se relaciona à percepção da existência de outros fatores relacionados à produção das notícias – como a rotina de produção, a necessidade de cumprimento de prazos, as pressões organizacionais, linha e decisões editoriais, o orçamento, entre outros agentes sociais envolvidos. Assim, ela se contrapõe também à teoria organizacional, que ignora os processos de interação social que acontecem para além da empresa.

A partir desse paradigma construtivista surgiram outras duas teorias que compartilham das suas diretrizes-base – as teorias estruturalista e interacionista. Ambas reconhecem a posição dos jornalistas como participantes ativos na construção da realidade, além de perceber as notícias como narrativas, “estórias”, que necessitam de um saber da linguagem jornalística.

Nessa perspectiva, veem a importância de utilização da pirâmide invertida e do lead, e esse enquadramento escolhido se torna exemplo “de como a notícia, dando vida ao acontecimento, constrói o acontecimento e constrói a realidade” (CAREY, 1986 *apud* TRAQUINA, 2004, p.174)³. Mas, ao mesmo tempo, discordam em alguns pontos cruciais.

A teoria estruturalista, de acordo com Traquina (2004), entende que os *media* atuam na reprodução de uma “ideologia dominante”, embora reconheça uma “autonomia relativa” dos jornalistas em relação a um controle econômico direto. No estruturalismo, são reconhecidos como fatores essenciais a organização e a estrutura burocrática das empresas, que influenciam no modo de produção das notícias no momento em que determinam uma rotina; a maneira como os valores-notícia são estruturados e a ideologia profissional, que define o que tem relevância e deve ser noticiado; e a própria construção da notícia, que implica no modo como ela é apresentada, visto que é necessário que existam conhecimentos comuns entre o jornalista e o público para que o que está sendo noticiado possa ser compreendido e “faça sentido” para as pessoas.

A partir dessas características, a teoria estruturalista traz uma tendência na construção de uma sociedade “de consenso” onde valores comuns são repetidos, o que acaba consolidando a ideologia dominante. A teoria ressalta, porém, que essa hegemonia ideológica não é algo que os profissionais reforçam de maneira conspiratória, mas que ocorre devido às pressões da rotina de trabalho e à busca pela imparcialidade. Essa pressão é a responsável por levar os jornalistas a recorrer a fontes oficiais para facilitar e tornar mais eficiente seu trabalho. E como essas fontes são aquelas que detêm posições privilegiadas dentro das instituições, também chamadas de “*definidores primários*”, o conteúdo jornalístico se torna responsável por reproduzir tal ideologia dominante. No entanto, essa teoria pode ser considerada determinista, e embasado em Hall (1999), é preciso levar em consideração que os jornalistas possuem certa independência no que diz respeito à seleção do que vai ser divulgado – dessa forma, as fontes não tem controle completo sobre o que vai ser publicado.

Já na teoria interacionista, também chamada de etnoconstrucionista, as notícias passam por um processo de produção, onde um acontecimento é percebido, selecionado e transformado em um produto final: a própria notícia. Segundo Traquina (2004), todo esse

3 Carey, J. (1986). “The Dark Continent of American Journalism”. In Manoff e Schudson (eds), *Reading the News*, New York, Pantheon Books.

processo é orientado pelos fatores *tempo*, pois diariamente o jornalista precisa lidar com a tarefa de elaborar um produto final dentro de um horário de fechamento, e *espaço*, na medida em que os acontecimentos acontecem em diferentes localidades. Isso torna o fazer jornalístico imprevisível e exige das empresas uma imposição de ordem, o que acaba criando uma rede noticiosa para que os acontecimentos possam ser captados, sempre levando em conta os critérios de noticiabilidade⁴ - no que se relaciona ao espaço, há uma seleção de territórios com maior potencial de ocorrência de acontecimentos importantes, para onde são enviadas mais equipes; já no que diz razão ao tempo, espera-se que os acontecimentos com maior valor-notícia⁵ aconteçam durante a jornada de trabalho, momento em que há maior número de profissionais nas redações.

Além disso, para a teoria interacionista as notícias resultam de processos de interação social que reúnem diversos agentes sociais – não apenas os jornalistas com as fontes, mas também o relacionamento dos jornalistas com outros jornalistas. “Para a teoria interacionista, não é possível compreender as notícias sem uma compreensão da identidade e a cultura dos profissionais do campo jornalístico” (TRAQUINA, 2004, p.203). Os jornalistas também são detentores de poder e, nessa lógica, no momento em que “o jornalismo e os jornalistas podem influenciar não só *sobre o que pensar* mas também *como pensar*” (TRAQUINA, 2004, p.203).

Sob uma perspectiva de que o jornalista não é apenas um observador passivo, mas um profissional que desempenha um importante papel na construção da realidade, o jornalismo supera o caráter mercadológico e se torna um promotor da democracia e da cidadania. E como maneira de defender o direito social à informação, as notícias devem expressar a diversidade conceitual que forma o mundo cotidianamente – trazendo a compreensão de que os fatos são gerados pluralmente, com opiniões divergentes – pois na sua função de reconstrutoras simbólicas da realidade e do mundo, oferecem um conjunto de alternativas para o exercício da cidadania.

4 De acordo com a compilação feita por Moreira (2006), os critérios de noticiabilidade definem quais acontecimentos podem se tornar notícia, influenciados por diversos fatores – como os econômicos, ideológicos e culturais. Além disso, são determinados por vários agentes: a) proprietários dos veículos de comunicação, a partir da política editorial da empresa; b) os jornalistas e as fontes; c) o público.

5 Os valores-notícia, para Moreira (2006), são as características substantivas dos fatos, o conteúdo, os aspectos ou valores que tornam um acontecimento notícia. A importância (amplitude, impacto, intensidade, gravidade e consequências), a atualidade, a excepcionalidade (o insólito, incomum, singular) e a proximidade com o leitor são os valores-notícia mais presentes nos principais jornais do país, de acordo com a autora.

É possível falar em direito social à informação como direito de *todos*, e o jornalismo como forma pela qual, cotidiana e *potencialmente* – ressaltamos –, é possível o acesso imediato ao todo – plural e diverso – que está sendo produzido no espaço social da humanidade e no tempo presente, ao qual se agarra o passado e sobre o qual se projeta o futuro humano. (KARAM, 1997, p.16, grifo do autor).

E para levar ao público esse “todo” que é produzido na sociedade e desempenhar um papel de promotor da cidadania e da democracia, o jornalismo foi se apropriando de diferentes mídias no momento em que elas foram surgindo. Assim, foi com a televisão, desde a sua difusão massiva após a Segunda Guerra Mundial, quando ela trouxe modificações na maneira como a sociedade compreende a realidade do dia a dia. Aqui no Brasil, a TV ganhou os lares da sociedade moderna a partir dos anos de 1950 e se tornou o principal meio de acesso à informação, assumindo um papel central de unificação nacional, de conhecimento global e até mesmo de companhia para o público.

Oferecendo entretenimento e informação a partir de sons e imagens, a televisão se tornou a principal fonte de conexão do mundo, possibilitando à população mundial se conhecer e se reconhecer nela. No Brasil – considerado um país de “muitos países” – foi a partir da TV que se passou a ter mais informações e conhecimento de como é cada região, e ao oferecer acesso gratuito aos canais abertos, ela oportunizou a unificação e a integração nacional. Segundo Bucci (2004), a televisão se tornou um suporte dos discursos que geram identificação dentro da Nação, “pode-se mesmo dizer que a TV ajuda a dar o formato da nossa democracia” (BUCCI, 2004, p. 32). E ela consegue isso por ser democrática.

Ela é, ao mesmo tempo, uma formidável abertura para o mundo, o principal instrumento de informação e de divertimento da maior parte da população e, provavelmente, o mais igualitário e o mais democrático. Ela é também um instrumento de libertação, pois cada um se serve dela como quer, sem ter de prestar contas a ninguém. (WOLTON, 1996, p.65).

Essa caracterização da televisão como instrumento de democracia está muito relacionada ao que é transmitido aos telespectadores, pois ela se destina a um público grande, desconhecido em sua totalidade e, ao mesmo tempo, diverso e heterogêneo. De acordo com Wolton (1996), é a capacidade da televisão de se diversificar e atingir essa multiplicidade de perfis de espectadores – mesmo sem saber ao certo como eles recebem as informações, nem a maneira como as interpretam – que permite o seu sucesso como meio de comunicação. A

relação entre o que é proposto pelos programas de TV e a compreensão do público, nem sempre tem uma compatibilidade total. Percebe-se que o essencial da mensagem é assimilado, mas na maior parte do tempo o significado do que é mostrado na televisão vai além do que se tem a intenção de transmitir.

É por isso que a televisão é uma forma de comunicação bastante particular em nossa sociedade: *a significação parcialmente aleatória da mensagem resulta de uma interação silenciosa com um público inapreensível.* (WOLTON, 1996, p.68, grifo do autor).

Para Wolton (1996), são essas circunstâncias que complexificam a televisão, mas ao mesmo tempo a tornam livre, visto que o espectador tem a possibilidade de conectar-se a ela sem a necessidade de justificar sua escolha, e igualitária, pois ela oferece a oportunidade de todas as pessoas assistirem aos mesmos programas, mas sem a obrigatoriedade de terem interpretações iguais. Além disso, as imagens são facilitadoras e não excludentes, pois para perceber uma imagem, não é necessário dominar as técnicas da escrita, por exemplo.

A televisão, como os demais meios de comunicação, é constituinte do espaço público, no entanto, de acordo com Bucci (2004), essa função é camuflada, inclusive pelo próprio discurso jornalístico, que, segundo o autor, ainda carrega a pretensão de propor, conter, sistematizar e representar a objetividade dos fatos de maneira neutra – algo impossível.

O discurso jornalístico, agora como antes, muitas vezes se vê erguido sobre uma ilusão: descrever a realidade sem nela interferir. (...) Diante da tela, o que o telespectador enxerga não é a própria tela, nem o discurso que encadeia as imagens e palavras numa narrativa ininterrupta, mas a paisagem que se lhe apresenta do outro lado da tela eletrônica. (BUCCI, 2004, p. 30).

Isso porque a televisão não pode ser vista apenas como um simples “meio”, como uma transportadora de mensagens entre um emissor e um receptor: “a televisão não mostra lugares, não traz lugares de longe para muito perto – *a televisão é um lugar em si*” (BUCCI, 2004, p.31, grifo do autor). E mais do que isso, um lugar de referência no momento em que ocupa um espaço semelhante ao da família, amigos, escola, religião e consumo, dentro da sociedade atual, da mesma forma que o jornalismo faz – inclusive de maneira conjunta com a televisão.

Se a televisão ocupa este lugar de referência e contribui para que homens e mulheres possam compreender o mundo que os cerca, não é uma ousadia afirmar que o telejornalismo é uma forma de conhecimento. Agora, que forma de conhecimento? É uma forma de conhecimento crítico que tem como preocupação interpretar a

realidade social. (Gomis, 1991), (Genro, 1987), (Meditich, 1992), (Tuchmann, 1983). (VIZEU, 2009, p. 78).

O telejornalismo é um lugar de referência capaz de realizar uma mediação entre a informação – com imagens e sons – e o público e, ao mesmo tempo, em que ele transmite esse acontecimento, prepara e apresenta uma realidade e, conseqüentemente, contribui para a “organização do mundo”. Para compartilhar essas informações captadas a partir dos fatos e facilitar o entendimento do espectador, o telejornalismo apresenta as notícias de maneira sistematizada e hierarquizada. Mas mais do que isso, os formatos escolhidos para comunicar ao público têm uma relação direta com a função de entreter ao informar, necessária para que a audiência se mantenha ligada em um determinado canal.

O telejornalismo necessita estabelecer um vínculo de cumplicidade com o público para que ele se sinta parte da realidade cotidiana apresentada na televisão. É por isso que geralmente a narrativa traz os elementos da dramaticidade e da emotividade em sua construção – com a ressalva de que esses recursos não devem ser aplicados de maneira sensacionalista. O jornalismo deve se utilizar das especificidades das imagens e dos áudios que envolvem determinado acontecimento de maneira inteligente, sem a necessidade de adotar o exagero ao construir uma notícia.

Para promover essa proximidade com o público, os jornalistas se utilizam de recursos narrativos que já são conhecidos e familiarizados dos telespectadores, muitas vezes presentes em histórias ficcionais e, em grande parte, no cinema. Um dos principais elementos empregados nas reportagens são três tipos de “atores”, de acordo com Charaudeau (2006): as vítimas – o lado do bem – os agressores – a fonte do mal – e os salvadores – também representando o bem e produzindo um efeito de simpatia. Há, conjuntamente, a exploração de músicas e trilhas sonoras na composição das matérias, o que produz uma sensação de narrativa filmica – e, portanto, de aproximação dos espectadores.

Mas mesmo que esses elementos cinematográficos estejam presentes inclusive nas notícias factuais, eles têm uma ligação direta com as grandes reportagens – constituídas a partir de um cruzamento do cinema com o jornalismo. De acordo com Saulo de la Rue (2006), a grande reportagem é um híbrido, jornalismo com roteiro, e portanto um produto indefinido que traz características de vários campos de conhecimento. Além disso, é preciso deixar claro que a grande reportagem não é um documentário – gênero que tem mais proximidade com o

marketing do que uma preocupação com o conteúdo apresentado – eles possuem uma grande diferença de enfoque na maneira como são produzidos (DE LA RUE, 2006).

A grande reportagem tem como base o jornalismo, juntamente com todos os preceitos éticos da profissão, ou seja, a verdade em sua essência, o relato fiel dos fatos. Ela traz a mesma necessidade do factual: de ser entendida por milhões de pessoas, portanto tem um texto claro, com linguagem simples; e segue as regras do jornalismo de referência, tendo sempre por objetivo a apuração, a contraposição e a clareza.

A grande reportagem é maior, mas não temos ao certo a duração. Leva mais tempo para captar, editar, mas não sabemos bem quanto é esse tempo. Assim, a grande reportagem hoje se define hoje muito mais pelo que ela não é, numa oposição ao jornalismo diário. Ainda assim, ela precisa de atualidade, algo que dê sentido à sua existência numa televisão comercial. (DE LA RUE, 2006, p.186).

A grande reportagem permite mais liberdade para a equipe que trabalha na sua produção: as imagens podem ser mais elaboradas; há a possibilidade de se explorar melhor a aparição dos entrevistados; elementos narrativos (pausas, silêncios, suspiros, risos) e recursos sonoros podem ser mais explorados, devido ao tempo maior de duração. Além disso, os assuntos podem ser tratados de maneira sistêmica – trazendo os contextos que envolvem a informação que está sendo apresentada – o que permite levar ao telespectador um maior aprofundamento do tema abordado. “Cada assunto dará um formato, cada assunto dará um enfoque, num processo de criação único para cada nova grande reportagem” (DE LA RUE, 2006, p.187).

Para Castro (2006), a necessidade de um tema atual é o que mais diferencia a grande reportagem do documentário, criando uma exigência tanto na criatividade para a escolha da temática, quanto na narrativa. A história precisa “prender” o espectador – principalmente devido ao tempo maior – e para isso deve ser contada de maneira atraente, o que demanda talento e criatividade especiais. Mas mais do que isso, o acontecimento tem que ser apresentado com agilidade e de maneira objetiva, elementos que quando utilizados demonstram a competência do jornalista – característica imprescindível na hora de se reportar uma notícia (CASTRO, 2006). Também são necessárias “evidências visuais”:

são as tais imagens que valem mais que mil palavras, mas nem sempre funcionam sem as tais mil palavras. Às vezes, são imagens que nem valem muito, mas que, em conjunto, formam uma realidade densa de sentido. Em modernos documentários, as evidências visuais são uma necessidade absoluta. Nas melhores reportagens,

também. É quando o repórter praticamente some de cena e deixa a história fluir por si. (DE LA RUE, 2006, p.185, 186).

O autor também traz outro ponto importante na diferenciação da grande reportagem com relação aos outros produtos audiovisuais. O jornalista estabelece um contrato com o espectador, baseado na fidedignidade aos fatos exigida pela grande reportagem – o que nem sempre ocorre nos documentários. Mas ressalta que aí existe uma diferença tênue no que se refere à manipulação a que ambas podem incorrer. “Como tudo é representação, é muito difícil estabelecer regras de maior ou menor manipulação” (DE LA RUE, 2006, p.185). Nesse momento, cabe ao jornalista levar em consideração os preceitos éticos da profissão, o papel social que o jornalismo representa para os cidadãos e a preocupação para que as notícias contribuam para um melhor entendimento do mundo.

3 ÉTICA E CONSTRUÇÃO DO JORNALISMO

Publicar uma notícia tem relação direta com fatores que vão além do relacionamento entre jornalistas, meios e empresas para as quais eles trabalham. O jornalismo, como construtor da realidade, tem o poder de promover e propagar uma causa, uma identidade, e com isso traz a necessidade de um trabalho responsável, que tenha a busca da verdade como elemento central em sua constituição. E para atingir esse objetivo, os profissionais do jornalismo precisam ter clareza ao reconhecer e seguir valores morais, preceitos éticos da profissão e os códigos que a orientam.

Mas definir valores éticos e morais não é uma tarefa simples e suscita inúmeros questionamentos, principalmente no que se refere às fronteiras entre princípios individuais e profissionais, que muitas vezes são tênues. Isso por que os valores são intrínsecos às pessoas, adquiridos e desenvolvidos a partir das suas vivências, das suas relações sociais, construídos por influências culturais, de justiça e de igualdade. Com isso, pode-se dizer que eles não são universais, nem comuns a todos os seres humanos, e variam de acordo com o tempo, o espaço e a consciência de cada povo. E esses valores são demonstrados em momentos de escolhas, sejam elas impostas ou necessárias.

A reflexão ética, não redutível nem à moral existente nem aos códigos formais, é essencialmente um momento em que nos perguntamos, radicalmente, qual o sentido de uma vida, de um indivíduo, de uma profissão e o que afinal estamos fazendo. (KARAM, 1997, p.35).

Para Karam (1997), esse desafio de refletir a ética é capaz de gerar um movimento de desalienação, além de auxiliar na redefinição do comportamento moral e dos princípios deontológicos. É necessário, portanto, compreender a significação desses três conceitos. Em sua origem epistemológica, o sentido de ética e moral era basicamente o mesmo, relacionado ao costume, maneira de ser, mas, com o passar do tempo, seus significados foram se diferenciando (KARAM, 1997).

Daniel Cornu (1994) traz André Lalande (1960)⁶ que define a ética como “ciência que tem por objeto o julgamento de apreciação quando aplicado à distinção do bem e do mal”,

6

André Lalande: *Vocabulaire technique et critique de la philosophie*, 8.^a edição, Paris, Presses universitaires de France, 1960, pp.305-306.

e a diferencia da moral, apresentada como o “conjunto das prescrições admitidas numa época e numa sociedade determinadas, o esforço para se conformar com essas prescrições, a exortação para as seguir” (LALANDE apud CORNU, 1994, p.36)⁷. A ética pode, então, ser definida por uma abordagem crítica que busca uma concepção coerente da vida, enquanto a moral se refere a um conjunto das regras de comportamento aceitas por uma determinada sociedade.

Para Cornu (1994), o mais importante não é diferenciar moral e ética, mas que ambas ocupem um papel importante e diferente dentro de um mesmo trabalho: "a moral cumpre uma tarefa de regulação, facilitada pela publicidade dada às suas normas, enquanto a ética cumpre uma função de legitimação ao interrogar essas próprias normas" (CORNU, 1994, p.37). Karam (1997) também diz que a ética deve ser abordada a partir de uma finalidade – em que os valores morais orientem nossas escolhas – e nos faz pensar por que fizemos essas escolhas, a partir de responsabilidades e limites que devem ser respeitados. Assim, uma reflexão ética pode contribuir para a formação de novos valores.

E para auxiliar na reflexão ética e moral dentro dos mais diferentes campos de atuação profissional surge a deontologia, uma espécie de orientadora da prática, um código profissional. O termo tem origem grega, *deontos*, e significa *o que deve ser*. “A normatização deontológica de regras e condutas morais reflete, portanto, a sistematização social daquilo que existe na esfera moral e é objeto da reflexão ética” (KARAM, 1997, P.33). Segundo Daniel Cornu (1994), a teoria dos deveres, termo criado por Jeremy Bentham (1834)⁸, faz referência a uma abordagem empírica dos deveres que estão relacionados à determinada profissão ou a uma situação social.

Os códigos deontológicos são considerados, então, como um elemento de normatização da ética. A deontologia surgiu à medida que o jornalismo ia se profissionalizando, embasada em um fundamento social, econômico e também jurídico – na necessidade de melhores condições de emprego e regras do exercício da profissão, e também na visão de preservar os jornais das ingerências do Estado. Isso porque no século XIX os proprietários ganhavam muito, já os jornalistas recebiam um baixo salário e tinham a necessidade de passar a produção jornalística por uma empresa comercial (CORNU, 1994,

7 Idem 6.

8 Jeremy Bentham, *Deontology or the science of morality*, publicado a título póstumo em 1834.

p.42).

A deontologia do jornalismo está descrita em diversos códigos, textos e cartas. Uma das principais referências é a Declaração dos Deveres e Direitos dos Jornalistas ou Carta de Munique, que reforça a responsabilidade do profissional com o público e os limites que devem ser respeitados, além dos princípios éticos e dos valores morais que devem ser seguidos.

A reflexão sobre o jornalismo não pode levar em conta somente a prática e seus limites, mas também a possibilidade de ruptura com esses limites para formular uma outra prática. Se reconhecemos a importância contemporânea do jornalismo e a necessidade de refletirmos sobre ela, temos de reconhecer que há uma moral que o envolve e uma ética profissional que pode ser tratada especificamente. (KARAM, 1997, p. 41).

Entretanto, estabelecer essa ética profissional é uma tarefa bastante complexa, exatamente pela relação entre jornalista e público. De acordo com Karam (1997), a grande questão está em perceber que a humanidade é heterogênea e que o jornalismo não carrega consigo apenas atos, fatos, versões e opiniões, mas também valores intrínsecos em uma carga moral. Pensando no qualitativo profissional, Daniel Cornu (1994) diz que o problema da deontologia no jornalismo está relacionado ao grande número de profissionais dentro das redações, sabendo-se que cada um exerce atividades muito distintas – desde os *free lancers*, passando por fotógrafos, cinegrafistas, editores até chegar ao próprio dono das estações de rádio ou dos canais de televisão. Com isso, torna-se mais difícil manter o respeito às regras comuns, e o principal agravante está no recebimento dos pareceres emitidos pelos Conselhos de Imprensa, corriqueiramente considerados como simples censuras.

Nesse ponto, é fundamental perceber que o processo ético que envolve o jornalismo está diretamente relacionado à liberdade de expressão, o que não significa que essa liberdade está isenta de limites e tampouco deve simbolizar privilégio para as empresas. Assim, há a necessidade de um cuidado especial no discurso de “liberdade de imprensa” e na utilização da palavra “censura” como defesa das empresas para atos que, na realidade, descumprem com os códigos éticos da profissão.

Eugênio Bucci (2000b) destaca que a ética não pode ser vista somente como a normatização do comportamento dos profissionais, mas que só faz sentido se os proprietários

também as seguirem e se os cidadãos forem vigilantes.

A liberdade de imprensa é um princípio inegociável, ele existe para beneficiar a sociedade democrática em sua dimensão civil e pública, não como prerrogativa de negócios sem limites na área da mídia e das telecomunicações, em dimensões nacionais e transnacionais. (BUCCI, 2000b, p.12).

Dessa forma, em um projeto democrático, a diversidade e pluralidade de veículos de comunicação devem ser asseguradas para que o debate político traga os mais diversos pontos de vista, porque "a imprensa deve informar a todos sem privilegiar os mais abastados, e também dar voz às diversas correntes de opinião" (BUCCI, 2000b, p.12). Mas atualmente é perceptível uma situação de monopolização da mídia, o que para Bucci (2000b) amplia a necessidade de se falar em premissas institucionais da ética jornalística, pois mesmo que elas sejam pressupostas, as decisões individuais dos jornalistas são mais privilegiadas.

Mais que um rol de normas práticas, a ética jornalística é um sistema com uma lógica própria. Não é um receituário; é antes um modo de pensar que, aplicado ao jornalismo, dá forma aos impasses que requerem decisões individuais e sugere equações para resolvê-los. (BUCCI, 2000b, p.15).

O jornalismo, para construir sua dimensão ética, se baseia em correntes filosóficas que tratam da ética em geral. Segundo Bucci (2000b), todas essas teorias necessitam ter como base racionalidade, liberdade e responsabilidade, e embora a ética esteja voltada para um discurso marcado pelo "dever ser", não é composta apenas por diversos mandamentos, mas gerada a partir do esforço para a existência de uma conciliação entre costumes e ideais, sempre amparada pelo ideal de busca do bem.

Bucci (2000b) traz Edmund Lambeth (1992)⁹ para falar de duas correntes básicas para os estudos da imprensa: a teleológica e a deontológica. A primeira, também chamada de utilitarismo ou consequencialista, leva em conta as consequências dos atos. Nela o jornalista precisa julgar o que traz mais benefícios éticos para o maior número de pessoas, mas para isso não vale a premissa de que os fins justificam os meios. Os jornalistas não estão autorizados a fazer "qualquer coisa" para obter algo que seja considerado "bom", pois embora haja certa flexibilidade, a utilização de meios ilícitos não é permitida. Pensando na prática jornalística cotidiana, um exemplo pode ser a utilização de câmeras escondidas para a realização de uma

⁹ LAMBETH, Edmund B. *Committed journalism – An ethic for the profession*, 2ªed., Indiana University Press, 1992.

reportagem. Esse método corriqueiramente gera controvérsias dentro das redações na medida em que se faz necessária uma avaliação para saber se a notícia é relevante para o público, e se essa é a única maneira de se obter determinada informação. O utilitarista é, então, alguém que busca levar em conta as consequências de seus atos, mas sem se valer de quaisquer meios. Entretanto, segundo Bucci (2000b), o utilitarismo é uma fonte importante da ética jornalística, mas bastante criticada no momento em que se analisa a dificuldade de um profissional conseguir medir com clareza quais as consequências do que ele está propondo. Já a teoria deontológica fundamenta-se na ideia do imperativo categórico de Immanuel Kant (1724-1804). Nela, a consequência do ato não tem importância, mas para que uma regra de conduta seja admitida é necessário que ela seja aceita universalmente, ou seja, todos os seres racionais precisam concordar com a sua validade. Um exemplo de imperativo categórico kantiano é dizer a verdade, um princípio universal e fundamental para o jornalismo. Não importam as consequências quando se trata de falar a verdade. O problema da teoria deontológica está em decidir entre dois valores julgados equivalentes como, por exemplo, os princípios da verdade e da responsabilidade. Além disso, "não há princípios, por mais racionais e universais que sejam, que não se modifiquem no espaço e no tempo" (BUCCI, 2000b, p.23), o que torna necessário certo relativismo ao se tomar determinadas decisões.

O mais importante é levar em conta que não existem nem deontologistas nem utilitaristas puros quando se trata de pensar ética no jornalismo. É necessário que as duas correntes se complementem, visando "uma sutil inclinação para aquela que prevê a responsabilidade dos agentes sobre seus atos e as consequências deles" (BUCCI, 2000b, p.24). Isso porque a decisão ética é individual, mas o bem comum sempre deve ser considerado, e o ideal é que o debate seja travado publicamente.

O público é constituído por cidadãos. A imprensa tem por função informá-lo, tanto sobre os factos como sobre as correntes de ideias, a fim de se criar uma opinião pública cuja expressão há-de ser organizada pela democracia. (CORNU, 1994, p.58, 59).

Essa é a missão intrínseca e a finalidade da imprensa, e é impossível que ela seja cumprida se não estiver fundamentada na ética jornalística. Quando se fala em jornalismo o mais importante é pensar nos espectadores, pois eles são os principais prejudicados quando a

ética é violada – são eles que perdem o acesso à informação de qualidade. Isso deve estar claro para o profissional, pois como propõe idealmente Cornu (1994), o jornalista não trabalha na construção de notícias, textos, sons ou imagens por prazer ou para que seu empregador tenha algum lucro com isso, mas para comunicar um público que é detentor do direito de ser informado.

A ética jornalística não é apenas um atributo intrínseco do profissional ou da redação, mas é, acima disso, um pacto de confiança entre a instituição do jornalismo e o público, num ambiente em que as instituições democráticas sejam sólidas. (BUCCI, 2000, p.25).

E o princípio fundamental que embasa a ética jornalística é a busca pela verdade (BUCCI, 2000b; CORNU, 1994; KARAM, 1997). Esse, necessariamente, é o primeiro dever do jornalista no momento em que ele apura, escreve e comenta qualquer acontecimento. A informação precisa ser o mais exata possível, e caso tenha distorções pode não ser compreendida como jornalismo, mas como mentira, engano.

Outros termos comuns aos códigos deontológicos são a busca pela exatidão e a objetividade. Karam faz uma ressalva, porém, para a necessidade de se perceber a complexidade que envolve esses dois conceitos: O jornalista precisa ter um compromisso ético "com a diversidade do próprio conceito, com a diversidade social, com a pluralidade de fatos, versões e opiniões" (KARAM, 1997, p.107). Junto a isso, há a necessidade de o profissional buscar dados, números, estatísticas, fatos, para ancorar determinada notícia. "A busca da verdade envolve tanto a exatidão na apuração informativa quanto a objetividade no relato, sem esconder a humanidade que se move neles" (KARAM, 1997, p.170).

Dessa forma, é importante analisar um fato em sua totalidade, pois normalmente não é mero resultado de um acaso, nem pode ser considerado apenas neutro.

A existência de assassinatos – e eles serem fatos noticiáveis – é resultado de alguns pressupostos anteriores: vida é valor, a brutalidade é algo que deve ser superado, enfim valores morais que devem valer para todos. Mas é também resultado de conflitos emocionais, de desequilíbrios pessoais, de raivas circunstanciais. E as razões para isso podem ser muitas: a miséria social, o não pagamento de uma dívida, a perda amorosa, a perda de poder. (KARAM, 1997, p. 108).

Para se chegar à verdade de um fato é necessário buscar o entendimento das particularidades que estão envolvidas nele, é preciso ver a situação de maneira sistêmica, reunindo o mundo moral que o cerca, com desdobramentos políticos, culturais e sociais. Além disso, para se obter uma "realidade objetiva" é necessário que os fatos sejam evidenciados com transparência, o que é possível a partir dos projetos editoriais dos veículos de comunicação e da pluralidade das fontes (KARAM, 1997).

Daniel Cornu (1994) diz que o cerne do trabalho jornalístico está no tratamento das fontes, pois sem elas não existe informação. E o conceito de verdade tem uma relação estrita com os informantes, a própria Declaração de Munique traz a importância de se publicar apenas informações que tenham origem conhecida, além de enfatizar que o jornalista não deve suprimir informações de nível essencial e, tampouco alterar documentos e textos. Sabe-se, também, que os procedimentos ideais para obter pluralidade – resultando na maior veracidade de uma informação – residem em identificar, verificar, confrontar essas fontes. Porém, como lembra Cornu (1994), na prática cotidiana a urgência do trabalho jornalístico dificulta a realização dessas operações e se baseia na confiabilidade de quem está informando algo. Para suprir esse ponto, é necessária a utilização da transparência, tanto com as fontes quanto com o público. As intenções de quem presta um depoimento, e do próprio jornalista, devem estar apresentadas claramente no momento em que uma informação é divulgada.

É importante, entretanto, perceber que o relacionamento do jornalista com as fontes pode ir além, se tornando uma relação pessoal devido à proximidade que ambos adquirem no trabalho diário. Mesmo assim, o jornalista necessita seguir as regras profissionais e deontológicas, sempre visando à confrontação de opiniões e a veracidade. "Tudo isto, que é decisivo na actividade do jornalista, fica no entanto comprometido se este não for capaz de estabelecer a distância necessária entre ele próprio e a sua fonte" (CORNU, 1994, p.273). Deve se presumir um alerta quando o jornalista não consegue estabelecer as verificações necessárias em decorrência do horário de fechamento dos jornais, da pressão da concorrência ou até mesmo em busca de um furo jornalístico.

Quando isso acontece não é só a sua liberdade de ação que sofre, mas a verdade que é ameaçada, os riscos eventuais de atentado à pessoa que já não são controlados, o conjunto de uma ética da informação que fica comprometido. (CORNU, 1994,

p.273).

A ética também fica comprometida quando o jornalista não percebe a sua motivação perante a busca de uma informação. Precisa estar claro para ele que o serviço da informação deve satisfazer o público e não uma ambição pessoal, algo que simbolize um possível ajuste de contas. Qualquer forma de remuneração ilícita também deve ser banida, juntamente com a promoção de interesses privados, o recebimento de vantagens, publicações que tenham relação com os anunciantes, e pressões econômicas ou vindas do governo. Esses fatores têm trazido os principais questionamentos dentro da busca pela ética jornalística nas últimas décadas.

As críticas (contra a ação e o comportamento da imprensa) incidem sobre a subordinação dos meios de informação aos negócios, a influência crescente dos anunciantes sobre as políticas editoriais, a resistência dos jornais à mudança social, a exploração dos *fait divers* e do sensacionalismo, os atentados à moralidade pública e à vida privada. Englobam todos os ingredientes vulgares dos códigos de deontologia. (SIEBERT *et all* apud CORNU, 1994, p.42).¹⁰

É em decorrência disso que se faz necessário, cada vez mais, que o jornalista tenha consciência de seu papel na sociedade, principalmente no que se relaciona à sua missão de informar o público, e busque o respeito pela dignidade humana tendo sempre a noção de responsabilidade: “Não de uma responsabilidade em si, relativamente à sua própria consciência, ou relativamente aos seus pares. Mas uma responsabilidade perante o leitor, perante o auditor, perante o telespectador, isto é, *perante o outro*” (CORNU, 1994, p.92, grifo do autor).

Cornu (1994) destaca também a importância da proteção da honra e da vida privada, no que diz respeito à liberdade. O autor cita o artigo 12 da Declaração dos Direitos Humanos que defende que nenhuma pessoa deve sofrer ingerências arbitrárias em sua vida privada, em sua família ou residência, nem deve sofrer atentado à honra e à sua reputação. Cornu (1994) traz, inclusive, o *Code of Practice* da Comissão de conflitos britânicos, que mostra situações em que os jornalistas necessitam ter precauções ao lidar com a vida privada, considerando que eles devem trabalhar com simpatia e discrição ao abordar pessoas que sofreram traumas e estão mergulhadas na dor, bem como ao abordar crianças menores de 16 anos. Nessas

¹⁰ SIEBERT, Frederick; PETERSON, Theodore; SCHRAMM, Wilbur. **Four Theories of the Press**. Urbana: University Press, 1956.

condições, é imprescindível acrescentar um cuidado especial na exposição de pessoas que vivem em situação de extrema pobreza, que estejam sob efeito de álcool ou de drogas e, também, que sejam portadoras de doenças graves, tenham deficiências, ausência de membros do corpo ou com deformidades congênitas. Outro apontamento que está no código, diz respeito à proibição dos jornalistas se utilizarem de recursos de intimidação e perseguição para obter informações.

Isto significa, sob reserva de inquéritos feitos e que são do interesse do público, que os jornalistas não têm o direito de fotografar pessoas no seu âmbito privado, sem o seu consentimento. Que não têm o direito de insistir, nem pelo telefone nem directamente, junto de pessoas que se recusaram a responder. Que devem deixar o domínio privado das pessoas quando estas o requerem e não as perseguir. (CORNU, 1994, p.95).

Há também uma necessidade extrema de se respeitar as sensibilidades do público e as minorias e pessoas em situação de fragilidades ou infortúnio. Essa responsabilidade está directamente relacionada com o respeito à vida privada. Entre os cuidados que devem ser adotados, está a renúncia de uma apresentação exageradamente sensacionalista da violência e da brutalidade, citada por Daniel Cornu (1994) a partir do *Pressekodex*¹¹, além de precauções morais em relatos de catástrofes naturais, conflitos bélicos, acidentes considerados espetaculares, e tudo que envolva uma superexposição das pessoas a qualquer custo. O *Pressekodex* também recomenda que "ninguém deve ser discriminado devido ao seu sexo, à sua pertença a um grupo étnico, religioso, social ou nacional" (CORNU, 1994, p.99). O jornalista deve fazer o possível para evitar qualquer posicionamento de discriminação, com um ideal de justiça.

Essa visão de justiça passa pelo respeito fundamental da dignidade humana. Tem a ver com o respeito pelo indivíduo, tal como deve ter tido em conta no tratamento dos factos da sociedade, e com o respeito pelas comunidades. A informação dirige-se ao homem na sua totalidade. Por outro lado esta é, cada vez mais, destinada à totalidade dos homens. (CORNU, 1994, p.100).

É importante ressaltar, porém, que essa visão de justiça se refere ao respeito pela dignidade humana, e não ao jornalista fazer justiça com as próprias mãos. Quando se fala em jornalismo, é imprescindível que toda reflexão envolvendo justiça seja realizada a partir de uma reflexão sobre a verdade, embasada nos princípios apresentados por Cornu (1994). Além

11 Código de imprensa alemão.

disso, não se pode ignorar o fato de que qualquer verdade informativa é relativa e plural, mas isso não significa que todos os pontos de vista, todas as "verdades", sejam equiparáveis.

Pelo contrário, alguns pontos de vista estão mais próximos do que outros da verdade. Por outro lado, a oposição entre dois pontos de vista não supõe de modo nenhum que um seja verdadeiro e o outro falso, nem que a verdade esteja <<entre ambos>>. (CORNU, 1994, p.100).

É fundamental que o jornalista compreenda a sua missão de informar, fazendo o possível para que o direito do público de conhecer a verdade seja cumprido. Para isso, os princípios inerentes ao jornalismo não devem ser violados, correndo-se o risco de ferir a ética jornalística.

4 METODOLOGIA E CORPUS

4.1 Análise de discurso como método

A Análise de Discurso (AD) de linha francesa busca compreender a maneira como a linguagem cria sentidos – considerando que ela é um instrumento essencial de mediação entre o homem e a sua realidade social – e a forma com que os homens significam quando falam. Segundo Eni Orlandi (2012), é necessário que as maneiras de ler¹² sejam problematizadas, que o sujeito falante ou o leitor se questione sobre o que produz ou ouve nas diferentes manifestações de linguagem. E a análise de discurso busca estabelecer e criar essa relação pessoal menos “naturalizada” do entendimento de que a linguagem não é neutra, mas estabelece uma relação direta com o discurso e também com a ideologia.

Assim, os conceitos de língua, discurso e ideologia estão intimamente relacionados na definição de Michel Pêcheux (1975 *apud* ORLANDI, 2012)¹³. Para o autor, não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. É a partir desses postulados intrínsecos nos sujeitos que os sentidos são construídos e, de acordo com Orlandi (2012), o que ocorre não é a mera transmissão de uma mensagem ou de uma informação, mas processos de identificação do sujeito, de subjetivação, de argumentação e de construção da realidade. Com isso, a ideia de um processo de codificação e decodificação por parte de um emissor e um receptor é inexistente, pois há uma complexa produção de sentidos na constituição dos sujeitos que não funciona separadamente. Aqui, temos a aproximação concreta com o jornalismo que – a partir de um texto carregado de conhecimentos exteriores ou prévios, como o senso comum, a história e a cultura – narra os acontecimentos para a sociedade ao mesmo tempo em que trabalha construindo a própria realidade a partir de suas significações. E é no mapeamento das vozes e na identificação dos sentidos que a Análise de Discurso trabalha de forma mais produtiva no estudo do jornalismo (BENETTI, 2007).

Segundo Bakhtin (1979; 1981 *apud* BENETTI, 2007)¹⁴ toda a linguagem deve ser

12 Ler, aqui, assume um sentido mais amplo: deve ser compreendido como o ato de significação decorrente não só da leitura de textos, mas da visualização de imagens ou da audição de sons. Do mesmo modo, leitor é um sentido que abarca a interação feita por um telespectador ou ouvinte.

13 PECHEUX, M. (1975). *Les Vérités de la Palice*, Maspero, Paris, trad. bras. *Semântica e discurso*, E. Orlandi et alii, Editora da Unicamp.

14 BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. São Paulo: Forense, 1981.
_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979.

compreendida de maneira dialógica. E de acordo com Benetti (2007), a partir dos conceitos de *interdiscursividade* – que estabelece a relação entre discursos e prevê a existência do cruzamento de textos – e de *intersubjetividade*, que relaciona sujeitos na medida em que se avalia que o discurso não existe por si só, mas necessita da existência de dois ou mais locutores, é possível perceber que a linguagem está sempre sujeita a diversas possibilidades de interpretação. Com isso, deve-se desmistificar a ideia ingênua de que o discurso jornalístico carrega uma literalidade, ou seja, a impressão de que determinado fato só poderia ser dito da forma como é apresentado, tomando essa maneira de falar como naturalizada. Ao aceitar o discurso como uma construção entre sujeitos, é possível perceber que não existe transparência na linguagem, portanto, é equivocado pensar que o jornalismo possui a capacidade de relatar fatos de maneira totalmente fiel,

o texto objetivo é apenas uma intenção do jornalista, restando-lhe elaborar um texto que no máximo *direcione* a leitura a um determinado sentido, sem que haja qualquer garantia de que essa convergência de sentidos vá de fato ocorrer. (BENETTI, 2007, p.108, grifo da autora).

É necessário levar em conta que o discurso é histórico e subordinado aos enquadramentos sociais e culturais. O indivíduo, ao produzir um discurso, é afetado pela língua, pela cultura, pela ideologia e pelo imaginário e, dessa maneira, o contexto de produção de sentidos deve ser obrigatoriamente levado em consideração. Além disso, é necessário perceber que os sentidos resultam de um processo que depende da interação texto-leitor, sem esquecer de considerar que esse leitor também é constituído de processos sociais e históricos (BENETTI, 2007).

De acordo com Orlandi (2012), o analista de discurso vai entender os sentidos produzidos colocando o dizer em relação com suas “condições de produção” – que reúnem os sujeitos e a situação, e também a memória. Essas condições de produção podem ser consideradas de duas maneiras: a) em sentido estrito, o contexto imediato; b) em sentido amplo, o contexto sócio-histórico, ideológico. Já a memória, ao ser pensada em relação ao discurso, é tratada como interdiscurso: algo que já foi falado antes, em outro lugar, e é um sentido que se repete em todos os discursos.

Quando nascemos os discursos já estão em processo e nós é que entramos nesse processo. Eles não se originam em nós. Isso não significa que não haja singularidade na maneira como a língua e a história nos afetam. Mas não somos o início delas.

(ORLANDI, 2012, p.35).

A análise de discurso busca compreender por que somos afetados por certos sentidos e não por outros, e procura levar em conta esse saber que não se aprende, não se ensina, mas produz seus efeitos. O conceito de paráfrase também é importante no processo constituinte da linguagem, e auxilia na identificação dos sentidos por meio da análise de discurso. Os processos parafrásicos são representados pela memória e espaços de estabilização, pois em tudo o que é dito, um sentido dominante sempre é mantido. A paráfrase e o interdiscurso apontam as atualizações do discurso em cada época e cultura, mas sempre revelando os sentidos que se repetem através das palavras já ditas. Segundo Orlandi, a linguagem é incompleta, os sujeitos não estão prontos, tampouco os discursos estão acabados, já que “a língua é sujeita ao equívoco e a ideologia é um ritual com falhas que o sujeito, ao significar, se significa” (ORLANDI, 2012, p.37).

Assim, a finalidade do método é tornar visível esse movimento de forças exteriores e anteriores que compõem o texto, pois – mesmo que não pareça – elas se fazem presentes no ato de falar e são responsáveis pela produção de sentidos. E para se iniciar uma análise, o ponto de partida é identificar a formação discursiva – ou mais de uma, quando houver –, que é “uma espécie de *região de sentidos*, circunscrita por um limite interpretativo que exclui o que invalidaria aquele sentido” (BENETTI, 2007, p.112, grifo da autora), objetivando, assim, a interpretação do analista. São formados, portanto, agrupamentos de sentidos por categorias – visando perceber a maneira como esses sentidos se repetem ou se assemelham – que juntos, completam um sentido maior. Considerando esses aspectos, o presente trabalho se utiliza da análise de discurso enquanto metodologia porque ela oferece a possibilidade de se investigar as relações entre sentidos e sujeitos, e possibilita a compreensão de como as duas grandes reportagens formam o sentido da ética jornalística.

4.2 Corpus

O presente trabalho faz uma análise da edição do programa *Profissão Repórter* exibida em 06 de maio de 2014, na Rede Globo, e da grande reportagem *Los miedos se hunden en el mar*, produzida em 2014 e veiculada no site da FNPI¹⁵, para entender como se constrói o

15 <http://videoennelsonmandela.fnpi.org/portfolios/los-miedos-se-hunden-en-el-mar/>

sentido de ética jornalística e verificar se é legítimo um jornalista interferir nos acontecimentos para contar uma história diferente da real.

Os dois programas foram gravados simultaneamente: o programa da Rede Globo realizou a cobertura da oficina promovida pela *Fundación Gabriel García Márquez para el Nuevo Periodismo Iberoamericano (FNPI)* e o jornalista Caco Barcellos – responsável por ministrar a oficina – atuou de maneira participante durante todos os momentos das gravações realizadas em Cartagena, na Colômbia; já a grande reportagem *Los miedos se hunden en el mar* foi produzida por uma equipe de três jornalistas que estavam participando da atividade. É importante ressaltar que cada grupo deicineiros fez recortes diferenciados da realidade da favela Nelson Mandela – local onde eles para o desenvolvimento das reportagens, e a edição do *Profissão Repórter* acompanhou o trabalho de todos, mas destinou a maior parte do seu tempo à reportagem escolhida para ser analisada nesta pesquisa.

4.2.1 Programa Profissão Repórter

O *Profissão Repórter* apresenta o formato de grande reportagem e é veiculado semanalmente – todas às terças-feiras, em um horário próximo às 23h45 – na Rede Globo. Surgiu em 2006 como um quadro do *Fantástico* e foi exibido por dois anos, produzindo um total de 48 reportagens, além de quatro programas especiais. A partir de 2008 a exibição se tornou semanal.

O programa tem direção e apresentação de Caco Barcellos, jornalista consagrado, com mais de 40 anos de carreira; com participação em grandes coberturas políticas, de catástrofes naturais e de guerras. Sua dedicação sempre esteve mais voltada às grandes reportagens investigativas, principalmente sobre violência e injustiça social, desenvolvidas em diversos veículos de comunicação como o canal GloboNews, as revistas IstoÉ e Veja, e a própria Rede Globo, em diferentes programas jornalísticos. O jornalista, a partir de suas reportagens e investigações, publicou alguns livros, como *Rota 66* (1992), contando a história da polícia que mata em São Paulo – trabalho agraciado com o Prêmio Jabuti na categoria Reportagem, e *O Abusado* (2004), reportagem investigativa sobre a entrada do Comando Vermelho na favela Santa Marta, no Rio de Janeiro – também premiado pelo Jabuti na categoria de Livro do Ano de Não-Ficção.

O programa surgiu como a ideia de mostrar os desafios que os repórteres enfrentam para realizar a cobertura de um fato; as equipes de repórteres contam com a orientação de Caco Barcellos, quem nem sempre acompanha o trabalho nas ruas. Em seu depoimento ao Memória Globo¹⁶ o jornalista explicou que o programa foi idealizado desde os anos de 1990 com a proposta de relatar uma história a partir de ângulos diferentes; em um determinado momento, o jornalista percebeu que para tratar esse mesmo fato a partir de diferentes visões, abordando contradições e diferenças, seria necessário buscar parceiros críticos e jovens idealistas com vontade de encarar novos desafios, o que o levou a trabalhar com recém formados.

O programa semanal possui uma duração média de 30 minutos divididos em dois blocos – o primeiro com aproximadamente 20 minutos, com um tempo menor destinado ao segundo bloco. As temáticas apresentadas são, em sua maioria, de cunho social, trazendo, apontamentos e questionamentos de Caco Barcellos para os repórteres durante o processo de construção do material. Nessa edição analisada, Caco Barcellos realiza a reportagem em Cartagena, e outros dois repórteres da equipe também participam, mas acompanhando o trabalho de três jornalistas – selecionados entre os que participam da oficina – em seus países.

4.2.3 Fundación Gabriel García Márquez para el Nuevo Periodismo Iberoamericano (FNPI)

A Fundação Novo Jornalismo Iberoamericano surgiu em outubro de 1994, em Cartagena das Índias, na Colômbia, a partir de uma antiga preocupação de Gabriel García Márquez. Um dos principais escritores da América Latina – ganhador do Prêmio Nobel de Literatura, em 1982, Gabo iniciou a carreira como repórter no diário El Universal, de Cartagena, e sempre viu a necessidade do estímulo da boa narrativa no jornalismo, além da busca pela ética.

A partir disso, a missão da fundação passou a ser trabalhar por um jornalismo de excelência, buscando contribuir com os processos de democracia e desenvolvimento dos países ibero-americanos e do Caribe. A concretização desses objetivos, segundo a FNPI, ocorre por meio da realização de oficinas e seminários de formação e troca de conhecimentos

16 <http://memoriaglobo.globo.com/>

entre jornalistas, além da colaboração de redes e do estímulo ao desenvolvimento profissional. Tudo com base na ética jornalística, na qualidade narrativa e no rigor investigativo, pensando no jornalismo como um serviço público, apoiando a liberdade de expressão e o direito à informação – independente, plural, autônoma e de igualdade. Para participar das oficinas e cursos os jornalistas devem passar por um processo de seleção e pagar uma taxa definida pela FNPI.

4.2.4 Los miedos se hunden en el mar

A grande reportagem *Los Miedos se hunden en el mar*, com duração de nove minutos e cinquenta e oito segundos, foi realizada por três repórteres a partir de uma oficina oferecida pela FNPI, que reuniu 12 repórteres da América Latina, separados em equipes de trabalho com o objetivo de estudar e da praticar as diferentes fases de produção em uma reportagem audiovisual. A atividade foi ministrada por Caco Barcellos, e teve como intuito reproduzir o modelo de trabalho do programa *Profissão Repórter*, a partir dessa nova maneira de articular histórias reais. O cenário apresentado aos profissionais foi o bairro Nelson Mandela, localizada em Cartagena, na Colômbia, local inicialmente habitado por famílias que migraram de diferentes partes da Colômbias expulsas pela violência. Todos os participantes das oficinas trabalharam em conjunto por cinco dias – de 3 a 7 de fevereiro de 2014, nesse local.

Los miedos se hunden en el mar foi uma grande reportagem realizada pelos jornalistas: Álvaro Andrés Cardona Gomez, fotojornalista na *Revista SoHo*, de Bogotá, Colômbia; Johnny Saavedra Bedoya, correspondente da *RNR Televisión*, de Pereira, Colômbia e Jorge Armando Nieto Sánchez, repórter na *St Media Síntesis Comunicación*, de Tijuana, México. Conta a história de Rosalba, uma mulher de 63 anos que vive no bairro Nelson Mandela. Em seu testemunho, ela relata como 7 membros da família, incluindo os pais e filhos, foram assassinados por um grupo armado em Los Montes de María, região localizada entre Sucre e Bolívar, na costa caribenha colombiana. Rosalba, mesmo vivendo em Cartagena, um dos destinos mais procurados pelos turistas por ter belas praias, nunca teve coragem de se aproximar do mar. Com isso, a reportagem associa o temor de Rosalba em chegar perto do mar ao seu passado violento, e busca modificar essa história.

4.2.5 Informações Análise

Os dois objetos selecionados foram assistidos de maneira crítica, e a partir das observações – sempre analisando ambos como grandes reportagens realizadas por profissionais do jornalismo – foram destacadas partes dos programas que têm sentidos relacionados à ética, no momento em que ela estiver sendo ferida, reforçada ou em pontos de contestação. É preciso levar em consideração que o *Profissão Repórter* acompanha todo o processo de produção da reportagem *Los miedos se hunden en el mar*, trazendo informações de bastidores – esse fator é fundamental para compreender a maneira com que os repórteres constroem a grande reportagem.

Além disso, por ambos serem programas televisivos, a análise também irá relacionar o discurso visual, e não apenas o texto apresentado para o telespectador. As transcrições serão feitas de maneira literal, inclusive as traduções do espanhol para o português, mantendo as características da língua falada – destaco que a transcrição da grande reportagem *Los miedos se hunden en el mar* foi feita por mim e pode não apresentar tradução exata em alguns pontos, devido à dificuldade de compreensão de algumas palavras características daquela região da Colômbia e de falas muito rápidas e confusas de algumas fontes. As partes assinaladas em negrito no texto são os trechos que concentram as formações de sentido destacadas para a análise.

As seqüências discursivas (SD) vão ser introduzidas da seguinte maneira: todas as falas do *Profissão Repórter* serão precedidas de “PR” com o nome da pessoa na seqüência e todas as falas da grande reportagem *Los miedos se hunden en el mar* serão iniciadas por “MIEDOS”. Os principais falantes das reportagens são: Caco Barcellos “PRCaco”; Rosalba Forero Lopez “PRRosalba” e “MIEDOSRosalba” – quando o Profissão Reporter dula o que ela está falando a fala está assinalada como (dublagem), e essa indicação se repete também para outros sujeitos falantes; Jorge Nieto “PRJorge”; Jhonny Saavedra “PRJhonny”; Álvaro Cardona “PRÁlvaro” e “MIEDOSÁlvaro”. As demais pessoas entrevistadas serão identificadas como “Homem” ou “Mulher” e a proximidade – ex: MIEDOSHomem (vizinho de Rosalba), ou pelo seu parentesco com a entrevistada – ex: MIEDOSFilha; MIEDOSNeto. Nas partes onde o discurso aparece em forma de texto escrito sobreposto às imagens, o mesmo será assinalado como “Texto” – ex: MIEDOSTexto.

As sequências de discurso vão ser apresentadas com um recuo na página. Em caso de diálogos, a troca de interlocutor é apresentada a partir da utilização do travessão. Todos os textos utilizados na análise estão traduzidos do espanhol para o português – a transcrição literal dos programas está nos anexos 1 (*Los miedos se hunden en el mar*) e 2 (*Profissão Repórter*).

5 ANÁLISE ÉTICA DO PROFISSÃO REPÓRTER E DA GRANDE REPORTAGEM LOS MIEDOS SE HUNDEN EN EL MAR

O presente trabalho faz uma análise da edição do programa *Profissão Repórter* exibida em 06 de maio de 2014, na Rede Globo, e da grande reportagem *Los miedos se hunden en el mar*, produzida em 2014 e veiculada no site da FNPI¹⁷ para entender como se constrói o sentido de ética jornalística e verificar quais os limites éticos quando o jornalista interfere nos acontecimentos para dar, supostamente, maior visibilidade e abrangência à narrativa.. Para isso, são destacadas partes dos programas que têm sentidos relacionados à ética, no momento em que ela estiver sendo ferida, reforçada ou em pontos de contestação. É preciso levar em consideração que o *Profissão Repórter* acompanha todo o processo de produção da reportagem *Los miedos se hunden en el mar*, trazendo informações de bastidores – esse fator é fundamental para compreender a maneira com que os repórteres constroem a grande reportagem.

Para a realização da análise, é importante, primeiramente, conhecer quem são os jornalistas responsáveis pelas reportagens, pois, como afirma Karam (1997), o jornalismo carrega consigo, além de atos, fatos, versões e opiniões, também os valores que estão intrínsecos em uma carga moral do próprio jornalista. Além disso, a grande reportagem *Los miedos se hunden en el mar* é realizada a partir de uma oficina da Fundação para um novo jornalismo iberoamericano – ela não é uma empresa jornalística e tem a ética como seu pilar fundamental a partir de seus valores e missão. Dessa maneira, são desprezadas as pressões que as corporações podem exercer na construção de uma notícia – isso não acontece no *Profissão Repórter*, veiculado na Rede Globo.

Dentro do recorte realizado para análise na edição do *Profissão Repórter*, entre os jornalistas do programa, apenas Caco Barcellos – que também ministra a oficina da FNPI – participa da cobertura direta da produção de *Los miedos se hunden en el mar*. Além dele, estão os três jornalistas que realizaram a grande reportagem: Álvaro Cardona, jornalista formado pela Universidad de Manizales, Colômbia, tem seu enfoque profissional em fotojornalismo e em realização audiovisual. Ele realizou uma série fotográfica publicada na revista colombiana

17 <http://videoennelsonmandela.fnpi.org/portfolios/los-miedos-se-hunden-en-el-mar/>

SoHo¹⁸, chamada “Padre, hijo y Espíritu Armado”, em 2012, quando acompanhou uma comunidade vítima de um massacre no norte de Santander, em um material que expõe o ciclo repetitivo da violência no país. Álvaro teve a ideia original para a realização de *Los miedos se hunden en el mar*. Jhonny Saavedra é jornalista, advogado e especialista em comunicação organizacional, e, atualmente, atua como correspondente da ESPN e da NTN2014, na Colômbia. O outro jornalista é Jorge Nieto, natural de Tijuana, México – ele tem onze anos de trajetória jornalística, nos quais se especializou em temas relacionados às fronteiras e imigração – hoje é repórter do canal Síntesis St Media de Baja Califórnia. Em *Los miedos se hunden en el mar* o posicionamento dos três jornalistas aparece por meio de textos inseridos em artes gráficas no decorrer da reportagem.

A fonte principal de *Los miedos se hunden en el mar* – também presente no *Profissão Repórter*, juntamente com os outros três jornalistas – é a moradora do bairro Nelson Mandela, Rosalba Forero Lopez. A história de Rosalba é trazida pelas duas reportagens como um case que representa a realidade de violência vivida naquela localidade. Rosalba e os jornalistas recebem um papel central na construção da análise, pois, de acordo com Cornu (1994), a essência do trabalho jornalístico está no tratamento das fontes, visto que, sem elas, a informação é inexistente.

Desde o início do programa *Profissão Repórter*, o apresentador Caco Barcellos busca trazer questionamentos relacionados à prática jornalística no processo de construção da grande reportagem realizada pelos jornalistas Jorge, Álvaro e Jhonny. Ainda na abertura do programa, é oferecida uma noção do que será apresentado a partir de um panorama do assunto principal a ser abordado. Considerando a importância do início do programa para captar a atenção do telespectador, assim como uma escalada¹⁹, são utilizadas imagens mais impactantes, com dinamismo, som ambiente e utilização de trechos com falas dos entrevistados, buscando levar ao espectador uma carga emocional do que será posteriormente apresentado.

PRCaco: Profissão repórter. Hoje, com jornalistas latinos. Aqui na Colômbia um grupo de jornalistas se reúne para contar a história de

18 <http://www.soho.com.co/vida-soho/articulo/padre-hijo-espiritu-armado-por-alvaro-cardona/28637>

19 Manchetes sobre os principais assuntos que serão apresentados no programa. São frases curtas cobertas ou não com imagens.

uma **favela de refugiados da violência** do país.

Os **desafios de uma reportagem coletiva**.

– Eu estava com muita raiva.

PRCaco: E mais uma **discussão** na hora da edição final. **É legítimo um jornalista interferir, para contar uma história diferente da real?**

Logo na escalada são destacados dois pontos abordados por Caco Barcellos, que irão permear todo o programa: o primeiro traz a forte percepção de *violência*, sentido que tem ligação direta com a ética no momento em que essa atmosfera de violência, em que o bairro Nelson Mandela está inserido, torna-se uma justificativa para a quebra dos preceitos éticos pelos jornalistas. Já o segundo e o terceiro realçam questões de *desentendimento* dentro da produção de uma reportagem, pois, sempre que esses momentos aparecem, a ética é colocada em xeque devido aos valores individuais de cada um dos jornalistas.

Para construir o sentido dominante de ética jornalística, serão analisadas três perspectivas a partir das reportagens: construção da ética, confirmação da ética e quebra da ética. Na ética questionada serão abordados os momentos em que ela é questionada pelos próprios jornalistas, a discussão dos limites; na ética reiterada são analisados os momentos em que os jornalistas percebem os limites e não a ferem, demonstrando isso; já na ética rompida, são trazidas todas as situações em que os limites éticos são ultrapassados.

5.1 Ética questionada

O processo de questionamento da ética desta análise está referenciado no programa *Profissão Repórter*, pois é nesta grande reportagem que aparece todo o processo de realização de *Los miedos se hunden en el mar*. O PR é o espaço em que o público conhece os questionamentos que fazem os jornalistas da oficina e a maneira como os aplicam dentro da grande reportagem, inclusive Caco Barcellos, que conduz a narrativa. Isso é perceptível em apenas duas ocasiões.

O primeiro ponto que gera grande debate dentre os jornalistas está no momento posterior em que os jornalistas realizam a primeira entrevista com Rosalba – a fonte principal do documentário. Na ocasião, ela conta sua história de vida e o momento em que a maior

parte de sua família foi assassinada pelos narcotraficantes da Colômbia. Motivo pelo qual ela foi morar no bairro Nelson Mandela.

PRCaco: Os dois jornalistas colombianos que estavam entrevistando Rosalba começam a **discutir** depois da gravação.

PRCaco: – Esse é o **registro de um dos conflitos que eles tiveram durante a reportagem.**

PRÁlvaro: – **Eu estava com muita raiva.**

PRCaco: – **Raiva?**

PRÁlvaro: – Sim, **muita raiva**, mas uma **raiva diplomática.**

PRCaco: Eles **discordam** de como exibir os momentos mais delicados **do drama de Rosalba. Um acusa o outro de usar recursos sensacionalistas.**

PRJhonny: – Isso é um **clichê** que se usa muito nas notícias, nós não estamos fazendo uma notícia, é um trabalho diferente.

Para auxiliar na ética questionada está o sentido que realça o desentendimento dos jornalistas, pois é a partir do debate enfatizado por Caco Barcellos, em que ele percebe esses momentos e questiona os demais profissionais, que surge uma discussão sobre a própria ética. A construção de *Los miedos se hunden en el mar* é realizada por três jornalistas, e, nessa primeira gravação, Johnny Saavedra abre um importante questionamento no campo da ética jornalística no que se relaciona ao sensacionalismo na produção de reportagens, pois é necessário ponderar quando a informação é deixada de lado em detrimento da utilização de sensacionalismo com a finalidade de impressionar o público. Para Pedroso (2001), o sensacionalismo é a maneira que a informação de atualidade é produzida discursivamente, processada a partir de

critérios de intensificação e exagero gráfico, temático, linguístico e semântico, contendo em si valores e elementos desproporcionais, destacados, acrescentados ou subtraídos no contexto de representação e construção do real social. (PEDROSO, 2001, p.52)

Dessa forma, no instante em que o contexto da construção do real sofre alterações causadas pelo trabalho de jornalistas, rompe-se o preceito fundamental do jornalismo que objetiva informar com veracidade para auxiliar na criação de uma opinião pública (CORNU, 1994). Esse momento de reflexão de Jhonny, com relação à forma como a reportagem é

construída, se utilizando de recursos sensacionalistas, auxilia, portanto, no questionamento da ética.

No decorrer do programa *Profissão Repórter*, o jornalista Jorge Nieto também propõe uma ideia de fazer jornalístico.

PRJorge: – Esse é um **grande debate**, porque uma regra original do jornalismo é ser **objetivo e não participante**. Mas **é difícil esquecer o ser humano** também.

Nessa maneira de ver o jornalismo, Jorge invoca a objetividade como negação da subjetividade e do envolvimento do profissional com a reportagem. Entretanto, embasado em Traquina (2004), é importante ver nesse conceito uma técnica para se trabalhar jornalisticamente, pois, em sua função, o jornalista sempre vai carregar suas crenças, experiências de vida, ideologias e valores intrínsecos. Com isso, compreende-se a dificuldade em se “esquecer o ser humano”.

Mas a questão ética abrange a maneira como se dá o envolvimento do jornalista com o ser humano, pois é imprescindível lembrar que essa pessoa deve ser tratada como uma fonte, detentora de informações, e que, junto a isso, ela carrega motivações. O jornalista precisa ser capaz de estabelecer um distanciamento entre ele e essa outra pessoa sem se deixar seduzir pela história, simpatia ou afinidade de ideias. No momento em que isso não acontece, os preceitos éticos correm o risco de serem feridos, pois a proximidade interfere na real percepção das situações (CORNU, 1994). E, quando o jornalista propõe essa ideia no diálogo, ele busca esse questionamento sobre a sua relação com Rosalba.

5.2 Ética reiterada

Os momentos em que a ética é questionada e não é ferida nos programas analisados também são perceptíveis a partir do programa *Profissão Repórter*. O que ocorre em poucas ocasiões. Em uma delas, o questionamento parte justamente de Caco Barcellos.

PRCaco: Todas as reportagens **foram discutidas** pelo grupo de

jornalistas latinos.

PRCaco: – Vocês convidaram essa pessoa a ir ao mar. **Vocês então interferiram** na história dessa pessoa. **É legítimo um jornalista interferir para fazer, contar uma história diferente da real?** Que talvez **se vocês não estivessem ali ela continuaria hoje sem ter ido ao mar?** Mas talvez eu possa pensar, que fizeram isso para melhorar a qualidade da reportagem de vocês. **Sob a minha ótica, eu não faria. Mas pela ótica de vocês eu respeito, não acho grave que tenham feito isso.** Essa mulher viveu um grande momento, que não teve oportunidade de viver.

Em uma reunião onde todos os doze jornalistas que participaram da oficina da FNPI estavam reunidos, Caco Barcelos debateu, junto com os três profissionais que realizaram *Los miedos se hunden en el mar*, os preceitos éticos que envolveram a produção da reportagem deles. Caco propôs um questionamento perante o fato de eles terem interferido na história de Rosalba, levando-a para conhecer o mar, o que culminou com uma mudança na vida da fonte, e se posicionou julgando essa ação como um artifício do qual ele não se utilizaria para a produção de material jornalístico. Ao mesmo tempo, ele regride na crítica como maneira de mostrar respeito aos demais jornalistas, pois promove um questionamento forte – o que pode ser compreendido devido ao fato de eles estarem realizando um debate sobre seus trabalhos – sem recriminar completamente essa postura perante o público. Caco se posiciona como jornalista no momento em que adota Álvaro, Jorge e Johnny como fontes de sua grande reportagem e tem uma preocupação em não parecer invasivo, o que ele consegue cumprir na maior parte do programa – mas nesse momento, ele comete um erro sério ao criticar a postura dos três jornalistas e, em seguida, voltar atrás falando que o ato de levar Rosalba ao mar não foi grave, visto que essa atitude dos oficineiros fere a ética jornalística.

No que se refere ao seu relacionamento com Rosalba, Caco Barcellos a respeita como fonte da grande reportagem dos três jornalistas e não se envolve nas entrevistas, permitindo que eles trabalhem da maneira mais independente possível – é claro que não se pode ignorar o fato de que, com a presença de Caco, os outros profissionais possam agir de maneira diferente do que eles agiriam se estivessem sós, mas, de qualquer forma, ele tenta respeitar o trabalho individual deles, visando o menor envolvimento no processo de formatação da reportagem. Pode-se dizer que a reiteração funciona no *Profissão Repórter*, mas Caco permite – mesmo

sendo ministrante da oficina – que os jornalistas cometam deslizes éticos no momento em que só questiona o trabalho deles depois da interferência na vida de Rosalba, sem a possibilidade de reverter essa condição.

Outro momento em que se pode perceber a reiteração da ética está na apresentação de Rosalba, em *Los miedos se hunden en el mar*; quando os jornalistas optam por trazer a parte mais humanizada da mulher, a partir de depoimentos de pessoas da localidade onde vive.

MIEDOS (vizinho falando sobre Rosalba): – Sim, **ela foi afastada de suas terras em Los Montes de María, isso fica em San Jacinto**, Carmem de Volía, por lá. Essa é a realidade. Toda a gente tem sido despejada o tempo inteiro e alguns vêm para cá. Bom, com a sua família, ela tem uma menina, alguns netos, agora vive com um senhor, e **é uma pessoa muito trabalhadora, muito colaboradora para todas as coisas**. Ela é sempre **quem mais nos ajuda**, porque a maioria quando termina de almoçar vai embora, então **ela sempre ajuda a terminar as tarefas comigo e com outros companheiros**, enquanto se faz a siesta.

MIEDOS Rosalba: – Depois de todas as dificuldades enfrentadas lá, **é bonito ter terra para semear outra vez, onde cultivar, ter um lugar para colher e alimentar-se**, isso.

A busca pela humanização de Rosalba, a intenção de mostrá-la como uma pessoa respeitada na sociedade, que auxilia os demais, simples, é um recurso utilizado pelos jornalistas para gerar um sentimento de proximidade e de identificação com o público. O que é intensificado a partir das imagens mostrando um contato afetivo de Rosalba com os netos, dela lavando louça e sendo cordial com as pessoas que estão trabalhando, além de sua relação com a horta e as plantas, supondo que ela mesma realiza o cultivo, em uma atitude de simplicidade. E, como aponta Montipó (2011), é importante que se utilizem narrativas humanizadas, priorizando um jornalismo produzido com vidas, revelando o ser humano que faz parte da informação, privilegiando a busca de múltiplas vozes e olhares, mas sempre com o jornalista se colocando a serviço da sociedade e atendendo a esse seu compromisso social. Os equívocos, no que se relaciona ao modo de fazer jornalismo, podem ser percebidos em momentos em que o repórter se preocupa apenas com o estilo – na tentativa de narrar cenas, destacar personagens e descrever ambientes – mas é importante perceber que valorizar personagens é tratar a fonte como ser humano, como pessoa dotada de sentimentos e

pensamentos, sem julgar ou estereotipar, quando esses julgamentos ocorrem, surge a desumanização (MOTIPÓ, 2011).

O jornalismo deve mostrar tudo isso. Deve mostrar tanto aquilo que “humaniza” quanto aquilo que “desumaniza” o homem. Deve mostrar tanto a singularidade do movimento cotidiano dos indivíduos quanto os comportamentos particulares dos grupos e culturas e a conexão universal entre cada indivíduo e grupo com a totalidade social (KARAM, 1997, p. 94).

Aqui se percebe a reiteração da ética, pois os jornalistas humanizam Rosalba, mas sem trazer elementos que a estereotipam. Os jornalistas a revelam como um ser humano, com sentimentos e história de vida, mostrando sua relação como indivíduo dentro da sociedade em que ela está inserida. Eles buscam tornar visível ao público o esforço da mulher para obter uma situação de vida melhor, dentro de uma atmosfera de completa violência.

5.3 Ética rompida

A FD dominante, na quase totalidade das grandes reportagens, é a quebra da ética. Nesse sentido, são trazidos pontos em que os jornalistas interferem nas percepções, manipulam, criam realidades que não estavam lá e se utilizam de métodos que podem ser classificados como sensacionalistas. Esses momentos de ruptura da ética, no entanto, não são mais materializados quando osicineiros conversam com Caco, mas a partir da própria construção das reportagens e das escolhas apresentadas por eles no processo de edição e finalização. As ocasiões em que estão concentrados esses rompimentos são permeadas pelo relacionamento dos três jornalistas com a personagem central de *Los miedos se hunden en el mar*, Rosalba Forero Lopez. No *Profissão Repórter*, ela também tem papel central, mas secundário se comparado ao dosicineiros.

Rosalba é uma colombiana, foragida da violência, que vive no bairro Nelson Mandela, na cidade de Cartagena, na Colômbia. A cidade é um dos destinos mais procurados pelos turistas, por ser reconhecida pelas belas praias do Mar do Caribe.

PRCaco: Rosalba teve o pai, a mãe e dois filhos **assassinados em um massacre** no interior da Colômbia. **Abandonou sua casa** e veio para uma favela a poucos quilômetros do litoral, mas aos 65 anos de idade, **nunca viu o mar**.

Foi a junção desses dois motivos – a violência por trás da história de vida de Rosalba e o fato de ela nunca ter ido ao mar – que suscitou nos oficinairos a ideia de promover um primeiro encontro dela com o oceano. A partir do reconhecimento da história de Rosalba, o jornalista Jorge Nieto explicita o objetivo principal da realização da grande reportagem *Los miedos se hunden en el mar*:

PRJorge: – O **debate** gerou um resultado melhor, que [sic] **queremos que se faça justiça à essa mulher**²⁰.

A justiça à qual os jornalistas se referem estaria justificada pela violência a que Rosalba está submetida, pois ela seria o símbolo de resistência a toda crueldade que assola a Colômbia – uma situação de “refugiada” que divide com a grande maioria dos moradores do bairro Nelson Mandela, pessoas que não tiveram outra escolha a não ser viver lá. A partir do momento em que os oficinairos a levam até o mar, há uma intenção de se promover uma “cura” – segundo as próprias palavras dos jornalistas – nesse passado de Rosalba.

Esse “poder do mar” é explicado por Jorge Nieto quando ele está mostrando à repórter do *Profissão Repórter* o trabalho que realiza em Tijuana, no México, fronteira com os Estados Unidos. Pela sua localização, a cidade tem muitas pessoas deportadas do país vizinho vivendo nas piores condições, e Jorge conta que teve um envolvimento pessoal no caso do mexicano Anastácio Rojas, capturado pela patrulha americana quando tentava entrar nos EUA: o homem foi algemado, recebeu choques de pistola taser e morreu dias depois.

PRJorge: – É algo que **não tem me deixado tranquilo**, é algo que...É algo que **me incomoda**...É algo que **me dá coragem, que me dói. Me dói não saber o que aconteceu**...[Refere-se ao caso do mexicano Anastácio Rojas]

PRJorge: – E vir para o mar é uma **fuga para mim**, é um momento... eu tenho um **afeto especial com o mar**. O mar pra mim é **uma das maiores coisas da vida. Deus me saúda** todos os dias com o mar. **Acho que o mar pode curar.**

E a ideia de tentar promover uma “justiça espiritual” à Rosalba, a partir do mar, é

20 Tradução do PR

reforçada pelos três oficinairos nos offs da própria reportagem.

MIEDOS Texto: *Los miedos se hunden en el mar nasce do coração e dos medos de uma grande mulher*, Rosalba Forero Lopez, a ela dedicamos todos os nossos esforços para **tentar reparar o que a guerra deixou em seu espírito**, com **todo o nosso carinho**, Jorge Nieto, Johnny Saavedra e Álvaro Cadorna.

Essa atitude, entretanto, pode ser contestada de acordo com Cornu (1994), pois o jornalista tem obrigação de trabalhar na construção de notícias relevantes para informar o público, e não por prazer ou simplesmente para beneficiar alguém. Nesse caso, os jornalistas que estão realizando a grande reportagem visam reparar um dano gerado pela violência do local em que Rosalba está inserida, o que fere a ética jornalística. Não é papel do jornalista agir como justiceiro – nem como instrumento para promover compensações – perante a realidade de qualquer fonte.

Além disso, buscar uma “cura espiritual” é algo muito subjetivo e pessoal, o que está completamente distante do jornalismo. O trabalho do jornalista está em apresentar a realidade de um grupo de pessoas visando uma melhoria geral para os que vivem em determinada condição. O que pode ser feito na medida em que o profissional mostra aos órgãos competentes o que acontece e cobra soluções para esses problemas. Não está errado mostrar Rosalba como uma representante dessa conjuntura de violência. O erro está em interferir em sua vida e promover uma mudança – considerada positiva pelos três oficinairos, mas que não se pode ter certeza do que ela vai representar para Rosalba posteriormente – esquecendo todas as outras pessoas que possuem histórias de vida semelhantes.

Isso porque eles deixam claro que o território colombiano está envolto pela violência. Esse sentido também é repetido e enfatizado desde o início do programa *Profissão Repórter*, no momento em que Caco se coloca “onde os fatos acontecem”, mostrando a ação da paráfrase e do interdiscurso:

PRCaco: – **Nós estamos na cidade de Cartagena**, no litoral do Caribe, para um encontro com esses repórteres da América Latina. Eles vão fazer uma reportagem coletiva na **maior favela desta região**, que é formada por foragidos da violência do país.

E também em *Los miedos se hunden en el mar*, o que ocorre ainda nos textos de apresentação da grande reportagem.

MIEDOSTexto: As **disputas** por terras na Colômbia são transversais ao **conflito armado**. O Estado, as empresas privadas, as guerrilhas, os paramilitares e os narcotraficantes **têm retirado da sociedade civil** seus campos, rios, montanhas, desertos, **usando as formas mais cruéis de violência: massacres, ameaças, assassinatos seletivos, torturas, entre outros.**

Tudo isso, juntamente com um **panorama de impunidade e a dinâmica narcotraficante tem expulsado camponeses para as periferias das grandes cidades**; isso tem deixado as terras nas mãos de alguns poucos – incluindo empresas transnacionais – e em uma **disputa armada** pela permanência dos ilegais e das Forças Armadas.

Embasado em Karam (1997), é necessário compreender as particularidades que estão envolvidas em um fato, observando-o de maneira sistêmica, com desdobramentos políticos, culturais e sociais. Mostrando o panorama da violência, os jornalistas conseguem trazer essa observação mais geral da realidade de Rosalba, utilizando-a como personagem – e, conseqüentemente, a realidade das demais pessoas que também vivem na favela. Entretanto, a ruptura ética está no fato de essa visão sistêmica não ser mantida posteriormente, buscando um propósito de melhoria de vida para a coletividade.

A ética também é quebrada, portanto, no momento em que os jornalistas se envolvem diretamente com a história de Rosalba.

MIEDOSTexto: Eu **não conheço** o mar.

MIEDOSRosalba: – Eu **nunca fui**, eu o vejo [o mar] quando passo de ônibus voltando para casa...o ônibus que passa aqui pertinho, também passa pelo mar... Eu **não conheço** o mar, não sei, **nunca fui**... Não porque eu não gosto, [mas porque] **me dá medo**.

MIEDOSRosalba: – Eu não tenho muito isso, porque **eu o temo** [o mar], porque como já vi tudo o que vivi lá [o assassinato da família], já **tenho medo dele**, [tenho medo da] **a morte**. Eu tenho **medo de que eu me vá no mar** [afogar-se], eu não vou por aí.

MIEDOSTexto: Já convidaram Rosalba muitas vezes para ir ao mar, mas ela **nunca aceitou**.

Os três profissionais convidaram, então, a moradora da favela Nelson Mandela para ir

ao mar, e organizaram toda a logística para que isso acontecesse – chamaram a filha dela e o neto para irem junto e os levaram de taxi até a praia, acompanhando a ação desde a saída de casa até a chegada ao local. Eles informam aos telespectadores sobre o convite à Rosalba, informando que ela não foi pressionada.

MIEDOSTexto: A equipe deste trabalho **perguntou a ela mais uma vez, sem pressão alguma**, se queria ir ao mar...

No entanto, eles dão a entender ao público que isso ocorreu de maneira natural, sem a necessidade de convencer a moradora a aceitar. O que entra em contradição com uma fala de Álvaro no momento em que Rosalba está prestes a entrar no mar e pensa em desistir.

MIEDOSÁlvaro: – Vamos nos acalmar, sim?! **Te falei ontem**. Olhe para mim. Me olha, me olha, me olha. **Te falei ontem que ia te cuidar**.

A partir desse posicionamento, fica claro que o jornalista fez uma promessa para a moradora no dia anterior, visando convencê-la a aceitar o convite. Dessa forma, aqui há uma interferência do jornalista na construção da realidade que está sendo mostrada aos espectadores e, conseqüentemente, a quebra da ética.

Outro ponto a ser levado em consideração está na colocação de Caco Barcellos, ao afirmar que a história de Rosalba “ganha um novo rumo” com a ida dela ao mar.

PRRosalba (dublagem): Eu vejo famílias que são unidas, se reúnem pelo menos em dezembro, e para mim é **só tristeza**, porque estou **sempre sozinha**.

PRCaco: Hoje a história da colombiana Rosalba **ganha um novo rumo**.

PRJorge (dublagem): Há histórias tristes e felizes, mas dessa vez vivemos uma **relação sincera** – a equipe e Rosalba. O jornalista está lá, sim, mas além disso despertamos um **ser humano** que quer **ajudar**, que quer **contribuir**.

A partir dessa afirmação no *Profissão Repórter*, Caco consente com a ação dos jornalistas, pois faz referência a uma mudança na vida da moradora. Isso pode ser confirmado

a partir da edição realizada nesse trecho (ele apresenta uma frase de Rosalba expressando tristeza e solidão, em seguida fala em um novo rumo – propondo uma transformação – e finaliza com a ideia do repórter Jorge justificando a atitude tomada por eles) o que contraria o questionamento que ele havia feito sobre a legitimidade da interferência dos oficineiros na vida dessa mulher.

Outras intervenções acontecem exatamente no momento em que Rosalba parece desistir de entrar no mar – o que resulta em uma sequência de rompimentos da ética, tanto por parte dos três oficineiros, como por Caco Barcellos. De acordo com Vizeu (2009), o telejornalismo oferece uma representação do mundo por meio de um enquadramento que envolve recortes técnicos e políticos. Nesta análise, como são observados dois programas realizados por equipes distintas – mas que mostram uma mesma situação – temos dois recortes diferentes de um mesmo momento.

Em *Los miedos se hunden en el mar*, quando o repórter Álvaro percebe a possibilidade de a sua entrevistada abandonar a ideia de entrar no mar, ele se utiliza de sua presença física como um recurso de convencimento para que ela não desista.

MIEDOSRosalba: – Ai, isso me dá tontura.

MIEDOSFilha: – Não, que tontura!

(Rosalba começa a chorar)

MIEDOSFilha: – Não, vamos vida. Não vai te acontecer nada. Não se preocupe.

(Rosalba chora. O repórter Álvaro se aproxima e lhe oferece o braço)

MIEDOSÁlvaro: – **Segure-se em mim, segure-se em mim, segure-se em mim.**

Na sequência da cena, os jornalistas buscam justificar ao público a atitude tomada a partir de uma arte com o seguinte texto:

MIEDOSTexto: A equipe não estava preparada para **interferir** na realidade, mas Rosalba estava em frente **a seus medos: o mar e a morte.**

A atitude dos repórteres, nesse momento, poderia ser considerada como uma maneira de reiterar a ética, pois eles assumem a interferência e visam esclarecer essa iniciativa.

Entretanto, eles apresentam esse momento como o único em que há intervenção, enganando o público, pois como vimos anteriormente, existiu todo um processo de convencimento – e de quebra da ética – no que envolveu levar essa mulher ao mar.

A maneira como essa justificativa é apresentada vai contra o que oficinairo Álvaro julgou importante ser feito, visto que eles tiveram um envolvimento direto com a história.

PRÁlvaro (dublagem): Isso tudo não é sobre ir à praia, é a reconciliação com o passado. Nós **quisemos ajudar** a Rosalba a enfrentar seu medo do passado, **fazendo ela superar o medo** de ir ao mar. Minha conclusão é: já que isso tudo aconteceu, **devemos deixar claro que nós, jornalistas, viramos parte da história.**

Em nenhum momento eles apresentam isso de maneira clara na grande reportagem *Los miedos se hunden en el mar* – pois as atitudes são mascaradas. Essa percepção mais geral da interferência só é obtida por quem tem a possibilidade de assistir aos dois programas. O que considero um dos principais rompimentos de ética, pois, embasado em Cornu (1994), as intenções das fontes e do próprio jornalista devem estar apresentadas claramente no momento em que uma informação é divulgada ao público.

Somente olhando o *Profissão Repórter* é possível ter uma ideia mais clara do diálogo entre Álvaro e Rosalba e da interferência do oficinairo naquele momento.

PRÁlvaro: – **Segure-se em mim.**

PRCaco (off): Álvaro precisa parar a gravação para apoiar Rosalba.

PRÁlvaro: – Vamos **nos acalmar**, sim?!

PRRosalba (dublagem): **Eu estou lembrando de quando mataram minha família.**

(Ela chora.)

PRÁlvaro: – Não, **tem que se acalmar.**

(Álvaro passa a mão no braço de Rosalba em uma atitude de acalmar e passar confiança)

PRÁlvaro: – Olhe para mim. **Tem que tirar tudo o que está aí dentro** [da sua alma], e **é por isso que estamos aqui.**

Aqui, ele reforça para a senhora a ideia de que o mar vai exercer um poder de cura. Enfrentar o mar seria como enfrentar a morte, enfrentar toda a violência a que sua família foi exposta no momento dos assassinatos. Ele quebra a ética persuadindo, trazendo os pontos fracos da vida de Rosalba para convencê-la a entrar no mar, e, assim, concretizar a

reportagem.

Na sequência, outro rompimento ético acontece com a interferência de Caco Barcellos, que deixa de se comportar apenas como observador e entra em cena em um momento emblemático para a produção da outra reportagem, quando Rosalba se sente insegura e há um impasse com relação à sua entrada no mar.

PRCaco: – **Álvaro, está tudo bem?**

PRÁlvaro: – Sim, tudo bem.

(Álvaro dá a mão à Rosalba e eles vão entrando no mar)

PRCaco: Já está passando, ela diz. [o medo de entrar no mar]

Caco também havia feito uma ponderação a Jorge Nieto pouco tempo antes, questionando a proximidade do jornalista com o neto de Rosalba.

PRCaco: – Jorge, **isso** [proximidade com o neto de Rosalba] **está relacionado com aquele conceito de jornalista não se envolve com as fontes?**

(risos)

PRNeto: – Vamos para o mar?

PRCaco: – Ele está te convidando para ir ao mar, pode ir com ele.

(Jorge e a criança saem para voltar ao mar e Caco volta sorrindo)

Nesses dois momentos, ambos no dia em que os oficineiros levam Rosalba à praia, podemos considerar a existência da quebra da ética a partir de três atitudes: a) da interferência de Álvaro com Rosalba; b) do envolvimento afetivo de Jorge com o neto de Rosalba – visto que ele entra no mar com a criança, brinca, passeia de mãos dadas, e tem atitudes de proximidade – o que ultrapassa o limite profissional de relacionamento entre jornalista-fonte; c) nas duas intromissões de Caco Barcellos, enquanto os demais jornalistas estão gravando com suas fontes – pois, mesmo que ele estivesse correto a partir de suas ponderações no que se refere à ética, ele passa a interferir, agora não apenas como observador, mas de maneira direta. Assim, ele também ultrapassa sua função de jornalista ao se envolver no trabalho de suas fontes – é importante ressaltar que ele tem o direito de refletir sobre essas questões, mas só no próprio programa, sem se envolver diretamente na outra gravação.

Após a entrada de Rosalba no mar, mais uma intromissão grave de Álvaro:

PRÁlvaro: – **Venha a família!**

Dessa vez, ele chama os familiares para que se juntem a ela, o que só pode ser visto a partir do programa *Profissão Repórter*, com a clara intenção de se obter imagens de uma família feliz para finalizar com belas cenas a grande reportagem. A gravidade nesse momento está na montagem de uma cena, de uma realidade, na influência direta do jornalista para obter uma melhor qualidade no trabalho. E, seu envolvimento em todo esse processo, se torna muito perceptível quando Caco conversa com ele:

PRCaco: – Eu falei com a filha. Ela disse que o mar trouxe recordações.

PRÁlvaro: – Foi uma recordação, mas nesse momento veja como ela está, **nós acabamos de fazer algo por alguém.**

PRCaco: – **Te emociona?**

PRÁlvaro: – **Muito, muito mesmo.**

PRCaco: – É, o **Álvaro está emocionado.** Ele confirma que a Dona Rosalba, ao entrar no mar, teve fortes recordações do passado dela, com a perda da mãe, a perda do marido, com a perda dos filhos. E **ele acha que fez uma coisa muito positiva. Que eles fizeram uma coisa muito positiva,** que foi **romper com esse trauma que ela tem entrando no mar.**

Nesse momento, se percebe que Álvaro perdeu completamente o distanciamento jornalístico necessário com uma fonte. Ele demonstra estar muito emocionado – o que é enfatizado por Caco, mas não é questionado em nenhum momento – e crente de que o mar realmente promoveu uma “cura” e, portanto, uma mudança de vida, a desejada “justiça” àquela mulher.

A percepção da quebra de ética também ocorre em situações em que os jornalistas se utilizam de artifícios que podem ser compreendidos como sensacionalistas. Depois de uma primeira impressão humanizada de Rosalba deixada no telespectador é que surge a primeira quebra da ética, quando o momento trágico na vida dela é apresentado em *Los miedos se hunden en el mar* – realizado a partir de artes gráficas com a clara intenção de impactar o espectador. Quando Rosalba conta como foi o dia em que assassinaram seu pai, além de outros familiares, entra uma arte com o fundo em negro – símbolo de morte e luto na cultura

ocidental – com a onomatopeia PA (figura 1) fazendo referência à maneira como ela mesma narra o barulho de um tiro em espanhol, e com as letras em azul – representando o mar – remetendo à ideia geral da reportagem, do mar como cura para a morte; na sequência, o mesmo quadro com a palavra MIPAPÁ (figura 2) seguindo o destaque para a cor azul na segunda sílaba – e as demais letras escritas em branco. No áudio, ela narra o acontecimento:

MIEDOS Rosalba: – **PA! PA! PA! PA!** (*sussurrando*).

Figura 1 – PA



Fonte: *Los miedos se hunden en el mar*

MIEDOS Rosalba: – **Atiraram primeiro** em “mi **papá**” [meu pai].

Figura 2 – MIPAPÁ



Fonte: *Los miedos se hunden en el mar*

MIEDOS Rosalba: – Depois quando **atiraram** em um dos meus filhos.

– Depois, quando minha mãe viu que **havam matado** dois de seus netos, ela tentou parar e **uma bala a acertou** [nas costas] também.

Nesse momento em que os jornalistas mostram Rosalba trazendo sua história de vida – incidente que a levou a viver no bairro Nelson Mandela –, o sensacionalismo se destaca à medida que acontece uma valorização emocional do assassinato, demonstrada a partir dos recursos gráficos. Pedroso (2001) destaca algumas regras que definem a prática sensacionalista: a intensificação, o exagero e a heterogeneidade gráfica; valorizar a emoção em relação à informação; explorar o extraordinário e o vulgar; valorizar conteúdos ou temáticas que estão fora de um contexto; e a produção discursiva em perspectivas trágica, violenta, grotesca ou fantástica, entre outras (PEDROSO, 2001).

Aqui identificamos a supervalorização de um momento de muita emotividade, intensificado a partir das artes gráficas utilizadas, pois no instante em que elas aparecem com os sussurros de Rosalba na edição de áudio, o telespectador é levado a imaginar o momento em que estão atirando em seu pai com uma sequência bem elaborada, que liga o som dos tiros (PA!) ao seu pai (PAPÁ), a partir da cor azul clara – remetendo ao mar e, ao significado que eles buscam dar a ele na construção da reportagem. Esses simbolismos – cores e grafismos – presentes nos quadros são utilizados com o intuito de sensibilizar o público, levando-o a se solidarizar com a história de Rosalba, pois segundo Charaudeau (2006), as imagens que possuem uma carga semântica apresentadas de maneira simplificada e fortemente reiteradas, “acabam por tomar lugar nas memórias coletivas, como sintomas de acontecimentos dramáticos” (CHARAUDEAU, 2006).

A prática, de viés sensacionalista na maneira como a história de Rosalba é apresentada – fundada na ótica da tragédia e da violência –, também pode ser verificada no *Profissão Repórter*, a partir da produção discursiva de falas e imagens utilizadas na reportagem.

PRCaco: Rosalba descreve o dia em que **paramilitares chegaram com metralhadoras** na vila em que vivia com sua família. Rosalba **teve o pai e dois filhos assassinados**. [pausa – imagem foto da mãe] **Sua mãe tentou parar os matadores e também foi baleada. Morreu** oito dias depois.

Diferentemente da reportagem produzida pelos trêsicineiros, o programa de Caco Barcellos não apresenta Rosalba previamente, mas opta por mostrar primeiro, o momento mais simbólico de sua história. Para isso, se utiliza de imagens que buscam impactar, o que também consolida um caráter sensacionalista. No momento em que Rosalba fala da morte da mãe, a edição traz a imagem dela segurando uma foto da mãe, em primeiro plano. Essa ênfase em demonstrar o clima que a situação carrega, de maneira enfática, se repete quando na sequência ela fala

PRRosalba (dublagem): Eu **só quero resgatar** minha família. (Silêncio.....choro....choro....mulher seca as lágrimas no rosto com um pano).

Nesse instante é enfatizado o sentimento de perda explorando, inclusive, o choro de Rosalba – artifício que não é utilizado em *Los miedos se hunden en el mar* – a partir das imagens. O cinegrafista busca enquadramentos que intensifiquem a expressão de tristeza da mulher, utilizando um enquadramento lateral, com um primeiro plano fechado, seguido de um plano aberto que a mostra chorando e secando as lágrimas com um pano. A sequência de silêncio, choro e variação entre esses dois planos, tem duração de aproximadamente dez segundos. Embasada em Pedroso (2001), a sequência discursiva construída nesse momento traz aspectos sensacionalistas à medida que o sofrimento e a tragédia são destacados na edição.

No encerramento do *Profissão Repórter*, Caco Barcellos traz o jornalista Jorge, reforçando a justificativa da sua equipe de trabalho para ter promovido esse encontro de Rosalba com o mar, mesmo com todos os rompimentos de ética que ocorreram no processo.

PRCaco: O mexicano Jorge decidiu ler mais sobre a história da Colômbia, e **trouxe para sua reportagem uma reflexão.**

PRJorge (dublagem): **A paz** de um lugar que viveu anos de conflito **depende de cada um.** Uma **reconciliação íntima.** **Perder o rancor do passado,** isso talvez é o que **Rosalba começou a fazer enfrentando o medo do mar.**

Em seguida, ele permite que esse sentido seja reforçado a partir do trecho da fala de Rosalba que ele seleciona para finalizar o programa:

PRRosalba (dublagem): Quando eu entrei na água **tudo foi passando, fui perdendo o medo, me esquecendo**. Eu dizia: meu **Deus**, dai-me **forças**.

Em nenhum momento no processo de finalização do trabalho Caco apresenta uma resposta ética para o questionamento que ele havia proposto aos oficineiros, com relação à legitimidade de um jornalista interferir em uma realidade para contar uma história diferente dessa realidade. O que culmina em uma quebra da ética, pois essa era uma oportunidade de ele enfatizar para o seu público o que é coerente quando tratamos de jornalismo.

Já *Los miedos se hunden en el mar* encerra com uma narrativa de características fílmicas – que vão da edição de imagens até a sonoplastia. Eles dão espaço para que Rosalba descreva todos os sentimentos que a entrada no mar suscitou.

MIEDOSRosalba: – Quando eu saí de casa estava **tranquila e alegre** porque pensei, vamos passear, vamos passear. Mas quando cheguei lá, não sei, eu **senti uma frieza e me lembrei**. Me **lembrei da minha localidade, bom, me lembrei de muitas coisas**. E isso **me deixou com um sentimento**..por isso eu **chorei**. Porque lá não é diferente..muito diferente de onde estávamos [*chorando*] Eu me **lembrei da minha família, principalmente da minha mãe, do meu pai, dos meus filhos. Da maneira como eles morreram**, e o outro que se perdeu. [*chorando*]

– No momento em que eu cheguei lá, eu me **lembrei disso**. Me **lembrei dela**, e então **me deu uma dor, uma nostalgia**. Em alguns momentos como eu digo..**eu faço uma reflexão de que eu não posso fazer nada**. O que está feito, está feito, **quem morreu, morreu**. Há **alguns momentos em que me lembro, fico mal**, mas.. depois tem um momento que **vou esquecendo, e esquecendo**.. pelo menos quando eu **entrei na água, a sensação foi passando, passando e eu perdi o medo**. Eu **ia perdendo o medo e esquecendo, ia esquecendo, porque eu dizia, meu Deus, me dê forças, me dê coragem, só tu podes me ajudar, Senhor**.

– **Minha mãe sempre dizia que quando uma pessoa entra em um poço e não alcança o fundo, pode logo se afogar...** e eu fui me **tranquilizando** quando fui **caminhando e não senti o vazio**. Eu **não sentia o vazio, sentia a terra**, onde pisava, e dizia, **vou bem, vou bem**. Assim **o medo foi desaparecendo, desaparecendo...**

Na construção dessa cena, as falas de Rosalba seguem em um ritmo constante, com

uma narrativa linear, e ela fala rapidamente. A edição de sons traz uma música instrumental – que pode ser considerada a música-tema de toda a grande reportagem, pois perpassa por diversos momentos do programa –, intercalando o barulho das ondas sem interromper a fala de Rosalba, sempre auxiliando na criação de sensações no telespectador que remetem a essa proximidade do mar. A edição visual também alterna planos médios de Rosalba descrevendo a ida ao mar, e imagens dela na praia com a filha, o neto, sentada na beira da praia, lavando o rosto, brincando e demonstrando felicidade.

A partir dessa construção, é possível perceber a intenção dos jornalistas em mostrar que a ideia de mar como cura está justificada na felicidade daquela mulher e em toda a vivência que ela teve. Tudo remete a um filme de final feliz, em que os rompimentos éticos jornalísticos, afirmados a partir das interferências na vida daquela pessoa, seriam justificáveis perante a superação. Como aponta Charaudeau (2006), os cenários-filme e os cenários-reportagem apresentam um ponto em comum que está na utilização de três tipos de atores: as vítimas, os responsáveis e os salvadores. “Eles focalizam, segundo o caso, as vítimas, para produzir um efeito de ‘compaixão’; o agressor, fonte do mal, para produzir um efeito de ‘antipatia’; o salvador reparador, para produzir um efeito de ‘simpatia’”. (CHARAUDEAU, 2006, p.3)

Esse recurso de utilização de personagens está presente em *Los miedos se hunden en el mar*, pois Rosalba é apresentada como a grande vítima; já a fonte do mal está simbolizada pelos narcotraficantes, paramilitares, guerrilhas; e os jornalistas, que cumprem com sua missão de fazer justiça, levar a ela bem-estar, e promover “a cura pelo mar” como os grandes salvadores. No entanto, eles desconsideraram a ética jornalística ao se posicionar dessa maneira na construção da grande reportagem.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou identificar os sentidos éticos produzidos a edição do programa *Profissão Repórter* exibida em 06 de maio de 2014, na Rede Globo, e da grande reportagem *Los miedos se hunden en el mar*, produzida em 2014 e veiculada no site da FNPI. O objetivo foi compreender se é legítimo o jornalista interferir em fatos e acontecimentos e contar ao público uma história diferente da real. Para a elaboração do estudo, foram utilizadas duas grandes reportagens gravadas simultaneamente – pois o *Profissão Repórter* estava acompanhando todo o processo de produção de *Los Miedos se hunden en el mar* e, portanto, permitiu que a grande reportagem fosse vista de uma maneira diferente, que possibilitou a compreensão da maneira como ela foi realizada. No decorrer da monografia foram identificados os conceitos que formam a ética jornalística e os elementos utilizados nas reportagens para a formação desses conceitos.

O trabalho se filiou à teoria construcionista, que percebe a notícia como construção da realidade, e não a considera apenas como um retrato fiel dos acontecimentos. O paradigma do construcionismo leva em consideração fatores como ideologia, linguagem e relação entre jornalismo e sociedade, admitindo que as notícias resultam de complexos processos de interação. Dessa forma, o jornalista é visto como um agente social que tem o papel de levar aos cidadãos informações que auxiliem na construção da democracia, da opinião pública e de conhecimento sobre o mundo.

Já o telejornalismo exerce uma função importante na sociedade a medida em que consegue promover uma aproximação entre o público e a realidade cotidiana, utilizando-se de recursos audiovisuais, e retratando a pluralidade de ideias e de opiniões nos mais diferentes tipos de programas. Nesta análise foi levado em consideração seu papel de referência dentro da sociedade atual e, também, sua preocupação em interpretar a realidade social a partir das grandes reportagens – formatos jornalísticos que permitem o aprofundamento das temáticas abordadas e proporcionam uma visão mais ampla do que gira em torno dos acontecimentos.

A monografia também traz a ética como base fundamental para a construção do jornalismo, pois no momento em que ele é considerado construtor da realidade, tem o poder de promover e propagar uma causa, uma identidade, e isso se reflete na necessidade de um

trabalho responsável, que tenha a verdade como elemento inquestionável. Portanto, é necessário que o jornalista reconheça e siga os preceitos éticos da profissão e os códigos que a orientam. Esses conceitos éticos perpassam todo o processo de análise e são imprescindíveis para a constatação dos sentidos formados nas duas grandes reportagens.

Para a realização do trabalho, a análise de discurso é utilizada como metodologia, pois complementa a ideia do jornalismo como atuante na construção da realidade. Esse método com fundamentação teórica visa uma reflexão sobre o território simbólico da linguagem e os mecanismos que tornam os significados compreensíveis para além do senso comum. A partir do discurso é possível estabelecer a relação entre indivíduo, linguagem e sentidos, o que é determinado pelo contexto social e também pela história que envolve um acontecimento.

Por meio da aplicação da análise de discurso foram identificadas três formações discursivas que auxiliam na formação do sentido da ética, a partir do *Profissão Repórter* e *Los miedos se hunden en el mar*. A primeira categoria traz a ética questionada, que aborda momentos em que ela é questionada pelos próprios jornalistas e a discussão dos seus limites; a segunda fala da ética reiterada, em que os seus limites são percebidos e respeitados; e, por fim, a ética rompida, apresentando situações em que os limites éticos são quebrados.

O primeiro grande problema ético a ser considerado está relacionado ao programa *Profissão Repórter*. A questão envolve a omissão do jornalista Caco Barcellos no que se relaciona à esclarecer ao público seu verdadeiro papel dentro da oficina promovida pela FNPI que ele está mostrando ao público. Como foi mostrado no corpus, ele está ministrando o curso, e portanto, tem em sua função propor questionamentos e levar sugestões aos repórteres que estão participando como oficinairos. No entanto, em momento algum essa posição é deixada clara para os telespectadores, e ao mesmo tempo em que ele se coloca como jornalista respeitando o trabalho dos demais jornalistas com suas fontes – o que é considerado correto do ponto de vista ético – ele se mostra perante um dilema: sem saber a maneira de se posicionar no que se relaciona a fazer cobranças éticas aos oficinairos. Um exemplo é a situação em que Caco aponta uma transgressão ética séria, questionando Jorge, Álvaro e Jhonny sobre sua interferência direta na vida de Rosalba levando-a ao mar, mas parecendo não ter certeza de que essa postura de cobrança é correta – visto que ele busca não interferir no trabalho dos três oficinairos, pois eles são fontes do *Profissão Repórter* – assim, Caco recua e diz que não é grave cometer esse deslize ético. Entretanto, mesmo com essa busca por

respeitar os três profissionais como suas fontes, Caco é um importante jornalista – reconhecido e respeitado nacionalmente – e é sua responsabilidade mostrar e esclarecer aos espectadores que não é ético, não é legítimo um jornalista interferir na vida e na história de uma pessoa, mudando a sua realidade, independente das suas intenções.

No caso de *Los miedos se hunden en el mar* é possível perceber, através da análise, que os jornalistas têm duas preocupações distintas: a primeira traz um ideal de justiça, visando reparar o sofrimento que foi causado a Rosalba pela violência que assola a Colômbia – o que culminou com o assassinato da sua família – e para isso se utilizam do mito do mar como cura; já o segundo, mostra a clara motivação de utilizar a história dessa mulher como maneira de impactar e sensibilizar o público promovendo um final feliz. No sentido ético, podemos ponderar que os três repórteres agem concordando que “os fins justificam os meios” – pois para eles, o final feliz de Rosalba esclarece o envolvimento pessoal com os acontecimentos, é algo compensatório. Essa significação está caracterizada no próprio nome da reportagem: *Los miedos se hunden en el mar* – Os medos se fundem no mar – onde fica, mais uma vez, impressa a ideia de que eles promoveram uma “cura” na vida da mulher.

Entretanto, é necessário que, ao se pensar a ética no jornalismo, o profissional leve em consideração as consequências dos atos, mas percebendo que ele não está autorizado a fazer "qualquer coisa" para obter algo que seja considerado "bom". Junto a isso, também não se deve esquecer a deontologia – que traz a necessidade de um princípio ser considerado universal e fundamental para ter validade, como é o caso da verdade no jornalismo. No caso da grande reportagem, esses dois preceitos éticos são colocados em xeque.

Apesar dos problemas éticos que envolvem a interferência dos três jornalistas na realidade de Rosalba, as duas reportagens conseguem mostrar a situação em que ela está inserida de maneira sistêmica. Eles reúnem os fatores que a levaram à essa circunstância, mostrando que a realidade da mulher não é mero resultado de um acaso, nem pode ser considerada apenas neutra – o que configura a reiteração da ética.

É importante esclarecer, porém, que não é papel do jornalismo fazer justiça. Os jornalistas têm por missão informar o público e buscar o respeito pela dignidade humana, tendo sempre consigo a noção de responsabilidade. O jornalismo deve mostrar as situações, trazer aprofundamentos, levar ao público a complexidade que envolve os acontecimentos, mas sempre tendo em mente que é seu compromisso buscar a promoção de melhorias para a

coletividade sem privilegiar ou beneficiar apenas uma pessoas – como foi o caso de Rosalba. E o principal é perceber que quando se fala em jornalismo, o mais importante é pensar nos espectadores, pois eles são os principais prejudicados quando a ética é violada – são eles que perdem o acesso à informação de qualidade; o jornalista deve ter sempre em mente que seu trabalho não deve ser feito por prazer ou para gerar lucros para sua empresa, mas sua função é levar ao público a verdade, pois a informação é um direito dos cidadãos.

REFERÊNCIAS

BENETTI, Márcia. Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (Orgs.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

BUCCI, Eugênio. Introdução: O mito não para. In: _____.; KEHL, Maria Rita. **Videologias: ensaios sobre a televisão**. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. Prefácio: Por que falar de televisão? In: _____. **Brasil em tempo de TV**. 3.ed. São Paulo:Boitempo, 2000a.

_____. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000b.

CASTRO, Vanda Viveiros de. Reportagem. In: DUARTE, Elizabeth Bastos; CASTRO, Maria Lília Dias de (orgs.). **Televisão: entre o mercado e a academia**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. A televisão e o 11 de setembro: alguns efeitos do imaginário. In: LOGOS 24: cinema, imagens e imaginário, Ano 13, 1º semestre, 2006. Disponível em: <<http://www.patrick-charaudeau.com/A-televisao-e-o-11-de-Setembro.html>>. Consulta em novembro de 2014.

CORNU, Daniel. **Ética da informação**. Tradução Armando Pereira da Silva. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

DE LA RUE, Saulo. A grande reportagem: entre o mercado e a academia. In: DUARTE, Elizabeth Bastos; CASTRO, Maria Lília Dias de (orgs.). **Televisão: entre o mercado e a academia**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

HALL, Stuart *et all*. A produção social das notícias: O mugging nos media. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões teorias e estórias**, 2. ed. Lisboa: Vega: 1999.

KARAM, Francisco José Castilhos. **Jornalismo, ética e liberdade**. São Paulo: Summus, 1997.

_____. **A ética jornalística e o interesse público**. São Paulo: Summus, 2004.

MONTIPÓ, Criselli. **Jornalismo, ética e humanização: reflexões sobre a tríplice tessitura**. In: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2011, Recife. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1228-1.pdf>>. Consulta em novembro de 2014.

LISBOA, Sílvia. **Jornalismo e a credibilidade percebida pelo leitor: independência, imparcialidade, honestidade, objetividade e coerência**. 2012. 112 f. Dissertação (Mestrado em

Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/54507/000851927.pdf?sequence=1>>. Consulta em novembro de 2014.

MOREIRA, Fabiane Barbosa. **Os valores-notícia no jornalismo impresso:** análise das 'características substantivas' das notícias nos jornais Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e O Globo. 2006. 157 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/7773/000556586.pdf>>. Consulta em novembro de 2014.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. 10. ed. Campinas: Pontes, 2012.

PEDROSO, Rosa Nívea. **A Construção do Discurso de Sedução em um Jornal Sensacionalista.** São Paulo: Annablume, 2001.

PEREIRA JUNIOR, A.E.V. OU VIZEU, A. O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica. In: Revista FAMECOS, v. 01, p. 77-83, 2009. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/6321/4596>>. Consulta em outubro de 2013.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo:** por que as notícias são como são. Vol. I. Florianópolis: Insular, 2004.

_____. **O estudo do jornalismo no século XX.** São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.

TUCHMAN, Gaye. A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo:** questões, teorias e "estórias". 2.ed. Lisboa: Vega, 1999.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público:** uma teoria crítica da televisão. São Paulo: Ática, 1996.

ANEXO 1

LOS MIEDOS SE HUNDEN EN EL MAR – transcrição e tradução

Abertura:

MIEDOSRosalba: – Me acordé pronto la frase que me decía mi mamá. Nos decía que no se tiene en el hondo porque se ahoga.

(Me lembrei prontamente do que minha mãe me falava. Ela dizia que não era para ficar no fundo, porque se afoga)

MIEDOSTexto: Las disputas por la tierra en Colombia son transversales as conflicto armado. El Estado, la empresa privada, las guerrillas, los paramilitares y los narcos han despojado a la sociedad civil de sus campos, ríos, nevados, desiertos, usando las formas más crueles de la violencia: masacres, amenazas, asesinatos selectivos, torturas, entre otros.

(As disputas por terras na Colômbia são transversais ao conflito armado. O Estado, as empresas provadas, as guerrilhas, os paramilitares e os narcotraficantes item retirado a sociedade civil seus campos, rios, montanhas, desertos, usando as formas mais cruéis de violência: massacres, ameaças, assassinatos seletivos, torturas, entre outros.)

MIEDOSTexto: Todo eso sumado al panorama de impunidad y la dinámica narco que ha expulsado a los campesinos a los cordones de miseria de las grandes urbes; ha dejado las tierras en manos de algunos pocos – incluidas las empresas transnacionales – y en disputa armada por la permanencia de los ilegales y las Fuerzas Armadas.

(Tudo isso, juntamente com um panorama de impunidade e a dinâmica narcotraficante que tem expulsado campesinos para as periferias das grandes cidades; isso tem deixado as terras nas mãos de alguns poucos – incluindo empresas transnacionais – e em uma disputa armada pela permanência dos ilegais e das Forças Armadas.)

Parte 1:

MIEDOSTexto:

CARTAGENA, COLOMBIA

540 mil turistas la visitan cada año

(540 mil turistas visitam a cidade a cada ano)

MIEDOSTexto:

BARRIO NELSON MANDELA

habitado por 40 mil personas, en su mayoría desplazados por la violencia

(habitado por 40 mil pessoas, em sua maioria despejadas de suas terras pela violência)

MIEDOSHombre: De repente una moto pasó disparando, y una bala me pegó así.

(De repente uma moto passou atirando e uma bala me atingiu assim)

MIEDOSRosalba: – Él es mi nieto, si llama Norkys ... él es mi nieto. Y ella es la mamá, ella es su mamá.

(Ele é meu neto, se chama Norkys...ele é meu neto. E ela é a mãe, ela é sua mãe)

Parte 2:

MIEDOSHombre: – Si, ella es desplazada de Los Montes de María, eso queda en San Jacinto, Carmen de Volía, por allá. Esa es una realidad. Toda la gente hay sido desplazada todo el

tiempo y unos vinieron para acá, bueno, con su familia, tiene una niña, tiene unos nietos, ahora vive con un señor, y es una persona muy trabajadora, muy colaboradora para toda la cosa. Y siempre ella es la que más nos ayuda, porque la mayoría cuando se termina la comida se va, entonces siempre ayuda y la que termina conmigo y con otros compañeros en cuanto hacen la siesta.

(Sim, ela foi afastada de suas terras em Los Monstes de María, isso fica em San Jacinto, Carmem de Volía, por lá. Essa é a realidade. Toda a gente têm sido despejada o tempo inteiro e alguns vem para cá. Bom, com a sua família, ella tem uma menina, alguns netos, agora vive com um senhor, e é uma pessoa muito trabalhadora, muito colaboradora para todas as coisas. Ela é sempre quem mais nos ajuda, porque a maioria quando termina de almoçar vai embora, então ela sempre ajuda a terminar as tarefas comigo e com outros companheiros enquanto se faz a siesta)

MIEDOSRosalba: – Buenos días. ¿Ya están trabajando duro? ¡Bien!. ¡Maago, hola! ¿Cómo están?

(Bom dia, já estão trabalhando duro? Bem! Maago, oi! Como estão?)

MIEDOSHomem: – Bien, muy bien.

(Bem, muito bem)

MIEDOSRosalba: – ¡Hola! ¡Dios bendiga!

(Oi! Deus te abençoe!)

MIEDOSHomem: – Amén.

MIEDOSRosalba: – Después de las dificultades que se presentaran allá, es bonito tener una otra vez tierra donde sembrar, donde cultivar, tener donde de un coger para alimentarse y eso.
(Depois de todas as dificuldades enfrentadas lá, é bonito ter terra para semear outra vez, onde cultivar, ter um lugar para colher e alimentar-se, isso.)

Parte 3:

MIEDOSTexto: PA.

MIEDOSRosalba: – PA, PA, PA, PA. Le dieron primero a MI PA PÁ.

(PA, PA, PA,PA. Atiraram primeiro em meu pai)

MIEDOSTexto: MI PA PÁ.

MIEDOSRosalba: – Después cuando le dieron a uno de los hijos míos.

(Depois quando atiraram em um dos meus filhos)

MIEDOSRosalba: – Después, cuándo mi mamá vio que le mataron dos nietos, ella separó y una bala la cogió por aquí [nas costas] también.

(Depois, quando minha mãe viu que haviam matado dois de seus netos, ela separou e uma bala a acertou [nas costas] também)

MIEDOSTexto: YO NO CONOZCO EL MAR.

(Eu não conheço o mar)

MIEDOSRosalba: – Yo no he ido, yo lo veo cuando paso en la buseta así que se venimos para acá, que la buseta se rota, que pasa aquí cerquita, que por el mar por lo contrario. Yo no conozco el mar, yo no sé, yo nunca he ido. No, porque, no me gusta, me da miedo.

(Eu nunca fui, eu o vejo quando passo de ônibus assim que viemos para casa, que o ônibus vai, que passa aqui pertinho, que ao contrário do mar. Eu não conheço o mar, não sei, nunca fui. Não porque eu não gosto, me dá medo.)

MIEDOSRosalba: – Yo no le tengo mucho eso porque ya le temo porque como ya he visto lo que viví allá, ve, ya le temo a, a, a, la muerte. Yo temo que me vaya en el mar, no sé, yo no

voy por ahí.

(Eu não tenho muito isso, porque eu o temo, porque como já vi tudo o que vivi lá, já tenho medo dele, a morte. Eu tenho medo de que eu me vá no mar, eu não vou por aí.)

MIEDOSTexto: A Rosalba le han invitado muchas veces al mar, pero nunca ha aceptado.
(Já convidaram Rosalba muitas vezes para ir ao mar, mas ela nunca aceitou.)

Parte 4:

MIEDOSHombre: – No, eso sí, nunca se arriesga a entrar, porque dije que le tiene miedo al mar.

(Isso sim, nunca se arrisca a entrar, porque disse que tem medo do mar.)

MIEDOSHombre: – El mar tiene la parte profunda y la parte llana. Entonces, pues ahí es la situación de que ella no se quiere arriesgar, simplemente.

(O mar tem uma parte profunda e uma parte rasa. Então, aí a situação é que ela não quer se arriscar, simplesmente.)

MIEDOSMujer: – No es raro que aquí de todas las señoras nunca ha ido al mar.

(Não é estranho que aqui, de todas as senhoras, nunca tenha ido ao mar.)

MIEDOSMujer: – Y hay aquí así como ella una razón ...

(E tem aqui, assim como ela, uma razão..)

MIEDOSTexto: El equipo de trabajo le preguntó una vez más, sin presión alguna, si quería ir al mar...

(A equipe deste trabalho perguntou a ela mais uma vez, sem pressão alguma, se queria ir ao mar...)

MIEDOSRosalba: – Yo aquí llevo los papeles y un suéter del niño...y yo llevo una ropa, una ropita y una toalla.

(Aqui eu levo os documentos e um suéter do menino..e eu levo uma roupa, uma roupinha e uma toalha.)

Parte 5:

MIEDOSRosalba: – Ai, eso me da mareo.

(Isso me dá tontura.)

MIEDOSFilha: – No, que mareo.

(Não, que tontura!)

(Rosalba começa a chorar)

MIEDOSFilha: – No, vamos vida. No se te va hacer nada. No se preocupe.

(Não, vamos vida. Não vai te acontecer nada. Não se preocupe.)

(Rosalba chora. O repórter Álvaro se aproxima e lhe oferece o braço)

MIEDOSÁlvaro: – Cógeme, cógeme, cógeme.

(Segure-se, segure-se, segure-se)

MIEDOSÁlvaro: – Vamos calmarnos, ¿sí? *(Vamos nos acalmar, sim?!)*. Te dice ayer. Mírame.

(Te falei ontem. Olhe para mim.) Mírame. Mírame. Mírame. Te dijo ayer que yo te iba cuidar.

(Me olha, me olha, me olha. Te falei ontem que ia te cuidar)

MIEDOSTexto: El equipo no estaba preparado para intervenir la realidad, pero Rosalba estaba a frente de sus miedos: el mar y la muerte.

(A equipe não estava preparada para interferir na realidade, mas Rosalba estava em frente a seus medos: o mar e a morte.)

Parte 6:

MIEDOSRosalba: – Cuando yo salí de aquí yo iba tranquila y alegre porque dijo, vamos a pasear, vamos a pasear. Pero cuando llegué allá, yo no sé, yo sentí así como una frialdad y me acordé. Me acordé del pueblo, me acordé, bueno, muchas cosas. Y eso me dio como, un sentimiento..por eso yo lloré. Porque allá no es distinto.. mucho diferente allá donde estábamos allá. (chorando) Yo me acordaba de mí familia, principalmente de mi mamá, de mi papá, de mis hijos. De la forma que ellos murieron, y el otro se perdió. (chorando)

(Quando eu saí de casa estava tranquila e alegre porque pensei, vamos passear, vamos passear. Mas quando cheguei lá, não sei, eu senti uma frieza e me lembrei. Me lembrei da minha localidade, bom, me lembrei de muitas coisas. E isso me deixou com um sentimento..por isso eu chorei. Porque lá não é diferente..muito diferente de onde estávamos (chorando) Eu me lembrei da minha família, principalmente da minha mãe, do meu pai, dos meus filhos. Da maneira como eles morreram, e o outro que se perdeu.) (chorando)

MIEDOSRosalba: – En el momento que llegué allá yo como que me recordé eso. Me recordé de ella y entonces me dio así como un dolor, una nostalgia así. Yo...hay momentos como digo, yo recapacito yo misma. Yo nada hago. Ya lo hecho está hecho, lo muerto está muerto. Hay momentos que uno se acuerda, se pone mal, pero ya., después tiene uno que ya..y olvidando, y olvidando, por lo menos cuándo yo entré allá el cambio, cuando yo entré el agua, a mí se me fue como pasando, pasando y se me perdió el miedo. Ya, yo fui perdiendo el miedo e iba olvidando, iba olvidando, porque decía Dios mío, dame fuerza, dame valor, solo tú que puede ayudarme, Señor.

(No momento em que eu cheguei lá, eu me lembrei disso. Me lembrei dela, e então me deu uma dor, uma nostalgia. Em alguns momentos como eu digo..eu faço uma reflexão de que eu não posso fazer nada. O que está feito, está feito, quem morreu, morreu. Há alguns momentos em que me lembro, fico mal, mas..depois tem um momento que vou esquecendo, e esquecendo..pelo menos quando eu entrei na água, a sensação foi passando, passando e eu perdi o medo. Eu ia perdendo o medo e esquecendo, ia esquecendo, porque eu dizia, meu Deus, me dê forças, me dê coragem, só tu podes me ajudar, Senhor).

(imagens dela brincando no mar)

MIEDOSRosalba: – Mi mamá nos decía que cuándo uno se pone en un hoyo y eso, y uno no alcanza el fondo, uno de pronto se puede ahogar porque no sabe...yo ya me fui tranquilizando cuándo yo iba caminando y no sentía el vacío. Ya, no sentía el vacío si no que lo sentía la tierra, el piso. Yo sentía el piso, digo aquí voy bien, voy bien. Ahí se me fue apartando el miedo, apartando el miedo, y eso..

(Minha mãe sempre dizia que quando uma pessoa entra em um poço e não alcança o fundo, pode logo se afogar..e eu fui me tranquilizando quando fui caminhando e não senti o vazio. Eu não sentia o vazio, sentia a terra, onde pisava, e dizia, vou bem, vou bem. Assim o medo foi desaparecendo, desaparecendo, ...)

MIEDOSTexto: Los miedos se hunden en el mar nasce desde el corazón y los miedos de una gran mujer, *Rosalba Forero Lopez*, a ella dedicamos todos nuestros esfuerzos para intentar reparar lo que la guerra dejó en su espíritu, con todo nuestro cariño, Jorge Nieto, Jhonny Saavedra y Álvaro Cardona.

(Los miedos se hunden en el mar nasce do coração e dos medos de uma grande mulher, Rosalba Forero Lopez, a ela dedicamos todos os nossos esforços para tentar reparar o que a guerra deixou em seu espírito, com todo o nosso carinho, Jorge Nieto, Jhonny Saavedra e

Álvaro Cadorna)

MIEDOSCréditos: Éste trabajo audiovisual es producto del Taller de periodismo audiovisual de la Fundación Gabriel García Márquez para el nuevo periodismo iberoamericano con *Caco Barcellos* y *Caio Cavechini*.

(Este trabalho audiovisual é um produto da oficina de jornalismo audiovisual da Fundação Gabriel García Márquez para um novo jornalismo ibero-americano com Caco Barcellos e Caio Cavechini)

ANEXO 2

PROFISSÃO REPÓRTER - transcrição

Escalada:

PRCaco: Profissão repórter. Hoje, com jornalistas latinos. Aqui na Colômbia um grupo de jornalistas se reúne para contar a história de uma favela de refugiados da violência do país. Os desafios de uma reportagem coletiva.

– Yo estaba con mucha rabia.

(Eu estava com muita raiva).

PRCaco: Um menino encanta repórteres de três países diferentes, e divide opiniões.

– No, no tengo problema, no me gustó mucho de algo

(Não, não tem problema, eu não gostei de ...)

PRCaco: E mais uma discussão na hora da edição final. **É legítimo um jornalista interferir pra contar uma história diferente da real?**

PRCaco: Venezuela. México. As diferentes realidades dos jornalistas latinos.

– La gente que vive en Tijuana no quiere conocer esa realidad.

(As pessoas que vivem em Tijuana não querem conhecer essa realidade).

PRCaco: Os bastidores da notícia. Os desafios da reportagem. Agora, no Profissão Repórter.

Parte 1:

PRCaco: Gabriel García Márquez, um dos maiores escritores latinos da história, era também jornalista. A fundação que ele criou é uma das mais ativas instituições de debate e intercâmbio de jornalistas. Foi a FNPI – Fundação para um novo jornalismo iberoamericano – que reuniu o Profissão Repórter e os doze jornalistas que participam dessa edição do programa.

PRCaco: – Nós estamos na cidade de Cartagena, no litoral do Caribe, para um encontro com esses repórteres da América Latina. Eles vão fazer uma reportagem coletiva na maior favela desta região, que é formada por foragidos da **violência do país**.

PRCaco: – Qué te parece Jorge la realidad de la periferia aqui de Colombia, comparativamente con la realidad de la periferia de Argentina?

(Jorge, como te parece a realidade da periferia aqui da Colômbia comparando à realidade da periferia da Argentina?)

PRJorgeARG: – Bueno, hay unas cosas que son similares (...)

(Bom, algumas coisas são semelhantes)

PRCaco: O que o Jorge que é argentino, que mora em Córdoba, está nos dizendo, está comparando, a realidade aqui dessa favela, da Colômbia com as da Argentina, é que aqui há uma violência que explica a origem da criação desse lugar.

PRJorgeARG: – Que aquí hay dolor de fondo *(aquí há uma dor de fundo)*, aquí hay una violencia previa antes de fundar ese barrio, y eso se siente *(há uma violência prévia à fundação desse bairro, e isso se sente)*.

PRCaco: – ¿Se siente?

(Se sente?)

PRJorgeARG: – Se siente.

(se sente)

Parte 2:

PRCaco: Durante os últimos vinte anos, centenas de milhares de colombianos tiveram que deixar suas casas por causa do conflito armado no país. Guerrilheiros, paramilitares, narcotraficantes foram responsáveis por vários massácres no interior da Colômbia. Muitos refugiados vieram parar aqui, na favela de uma cidade do litoral. Um dos poucos lugares seguros de um país em conflito. É aqui que repórteres de seis países diferentes farão as suas reportagens.

PRRosalba (dublagem): Eu corri e entrei debaixo da cama, eles estavam dentro de casa.

PRCaco: Rosalba descreve o dia em que paramilitares chegaram com metralhadoras na vila em que vivia com sua família. Rosalba teve o pai e dois filhos assassinados. Sua mãe tentou parar os matadores e também foi baleada. Morreu oito dias depois.

PRRosalba (dublagem): Eu só quero resgatar minha família.

(Silêncio.....choro....choro....mulher seca as lágrimas no rosto com um pano).

Parte 3:

PRCaco: Os dois jornalistas colombianos que estavam entrevistando Rosalba começam a discutir depois da gravação.

PRCaco: – Esse é o registro de um dos conflitos que eles tiveram durante a reportagem.

PRÁlvaro: – Yo estaba con mucha rabia

(Eu estava com muita raiva).

PRCaco: – Rabia?

(Raiva?)

PRÁlvaro: – Si, mucha rabia..pero, pues...una rabia diplomática.

(Sim, muita raiva, mas uma raiva diplomática).

PRCaco: Eles discordam de como exibir os momentos mais delicados do drama de Rosalba. Um acusa o outro de usar recursos sensacionalistas.

(diálogo durante a tarde) PRJhonny: – Y eso es un cliché que se utiliza continuamente en las notas. Nosotros no estamos haciendo una nota, pero un trabajo diferente.

(Isso é um clichê que se usa muito nas notícias, nós não estamos fazendo uma notícia, é um trabalho diferente)

PRCaco: – Nós do Profissão Repórter gostamos de expor, né, essas dúvidas e essas desavenças durante o processo de criação de um documentário e de captação de informação.

PRJorge: – Y a los latinos fácilmente la ira, el coraje, y el querer defender el punto es algo que nos caracteriza.

(Sim, nos latinos a ira, a coragem, o querer defender suas ideias. Isso é algo que nos caracteriza).

(diálogo durante a tarde) PRJhonny: – Es que se supone que estamos aprendiendo *(Se supõe que nós estamos aprendendo)*.

PRJorge: – El debate generó un mejor resultado, que queremos que le haga justicia a esa mujer.

(O debate gerou um resultado melhor, que queremos que se faça justiça à essa mulher).

Parte 4:

PRCaco: O bairro que Rosalba escolheu para viver é repleto de histórias como a dela.

PRCaco: – ¿Mataron a su papa? *(Mataram o seu pai?)*

PRHomem: – Yo tenía como dieciocho años. *(Eu tinha dezoito anos)*

PRCaco: Esse homem conta que as pessoas eram tiradas de dentro de casa para serem assassinadas.

PRHomem: – Así mataron unos primos míos.

(Assim mataram uns primos meus)

PRCaco: – Quantos?

PRHomem: – Mataron tres.

(Mataram três).

Parte 5:

(Rosalba aparece secando as lágrimas com um pano; chora muito)

PRRosalba: – Pues yo veo familias que son unidas...

PRRosalba (dublagem): Eu vejo famílias que são unidas, se reúnem pelo menos em dezembro, e para mim é só tristeza, porque estou sempre sozinha.

PRCaco: Hoje a história da colombiana Rosalba ganha um novo rumo.

PRJorge (dublagem): Há histórias tristes e felizes, mas dessa vez vivemos uma relação sincera – a equipe e Rosalba. O jornalista está lá, sim, mas além disso despertamos um ser humano que quer ajudar, que quer contribuir.

PRCaco: Rosalba teve o pai, a mãe e dois filhos assassinados em um massacre no interior da Colômbia. Abandonou sua casa e veio para uma favela a poucos quilômetros do litoral, mas aos 65 anos de idade, nunca viu o mar.

Parte 6:

PRCaco: Todas as reportagens foram discutidas pelo grupo de jornalistas latinos.

PRCaco: – Vocês convidaram essa pessoa a ir ao mar. Vocês então interferiram na história dessa pessoa. É legítimo um jornalista interferir para fazer, contar uma história diferente da real? Que talvez se vocês não estivessem ali ela continuaria hoje sem ter ido ao mar? Mas talvez eu possa pensar, que fizeram isso para melhorar a qualidade da reportagem de vocês. Sob a minha ótica, eu não faria. Mas pela ótica de vocês eu respeito, não acho grave que tenham feito isso. Essa mulher viveu um grande momento, que não teve oportunidade de viver.

PRÁlvaro: – No era la playa. Era la reconciliación con ella misma.

PRÁlvaro (dublagem): Isso tudo não é sobre ir à praia, é a reconciliação com o passado. Nós quisemos ajudar a Rosalba a enfrentar seu medo do passado, fazendo ela superar o medo de ir ao mar. Minha conclusão é que: já que isso tudo aconteceu, devemos deixar claro que nós, jornalistas, viramos parte da história.

PRJorge: – Es un debate largo ese, ¿no? Porque en un precepto original el periodismo tiene que ser objetivo y no participante.

(Esse é um grande debate, porque uma regra original do jornalismo é ser objetivo e não participante). Pero es difícil olvidar al ser humano también. (Mas é difícil esquecer o ser humano também..)

Parte 7:

PRValéria: O mexicano Jorge vive em uma das fronteiras mais vigiadas do mundo.

PRJorge: – Traen sus identificaciones, ¿es verdad?

(Vocês estão com seus documentos, não estão?)

PRJorge: – Estos agentes que están ahí saliendo son agentes de patrulla fronteriza y ciertamente nos viran desde que bajamos, saben que estamos acá. Es un factor de riesgo para ellos.

(Estes agentes que estão ali, saindo, são agentes da patrulha da fronteira. Com certeza, nos viram desde que chegamos, sabem que estamos aqui. É um fator de risco para eles.)

PRJorge: – ¿Que tal amigo?, ¡buen día!

PRJorge: – ¿Desde cuándo vive acá, amigo?

(Desde quando vive aqui, amigo?)

PRDeportado: – Desde que me deportaron. Me deportaron en 2000.

(Desde que me deportaram. Me deportaram em 2000)

PRJorge: – En el 2000 te deportaron, entonces ya tiene 14 años viviendo aquí...

(Em 2000 te deportaram, então já são 14 anos vivendo aqui...)

PRValéria: A fronteira entre Tijuana e San Diego virou local de moradia pra dezenas de mexicanos que foram deportados dos Estados Unidos, mas não querem voltar para suas cidades de origem. Preferem ficar aqui, a poucos passos de uma interminável barreira de concreto e ferro.

PRDeportado: – Ahí vivo yo.

(É aqui que eu vivo)

PRJorge: – Y no quiere regresar?

(E não quer voltar?)

PRDeportado: – No, ahorita no.

(Não, agora não)

PRJorge: – Y ustedes pasan cerca de los carros y la gente sube el vidrio. No los quieren ver! No quieren enterarse de que eso existe. La gente que vive en Tijuana no quieren conocer esa realidad, y yo quiero que la conozcan.

(Vocês passam perto dos carros e as pessoas sobem os vidros. Não querem ver vocês! Não querem saber que isso existe. As pessoas que vivem em Tijuana não querem conhecer essa realidade, e eu quero que conheçam)

PRJorge: – Meu avô e meus pais também migraram em busca de melhores oportunidades.

Meu pai também trabalhou nos Estados Unidos ilegalmente. Não foi deportado, mas ele decidiu voltar para o México, a família estava aqui, e eu cresci em Tijuana. Mas cada vez que eu venho aqui, e encontro gente que veio da mesma cidade que a minha família, entendo perfeitamente porque estão aqui.

PRValéria: Hoje, Jorge tem algo valioso para os moradores da fronteira: visto para entrar nos Estados Unidos para quando quiser. Logo ali na frente, tem o controle de migração americana. É um controle muito rígido, e por aqui parra sessenta milhões de pessoas, todos os anos. Há quatro anos, ao tentar atravessar essa mesma fronteira, o mexicano Anastácio Rojas foi capturado pela patrulha americana. Algemado, recebeu choques de pistola taser e morreu dias depois. Um americano, que registrou a cena com um celular pergunta ao policial: ele não está resistindo, por que vocês estão fazendo isso?

PRJorge: – O que causou indignação foi o uso excessivo de força contra uma pessoa que já estava com os pés e mão algemados. Como ele poderia resistir?

PRValéria: – Jorge investiga essa história há 4 anos. Acompanhou protestos, se aproximou da família. Anastácio deixou cinco filhos e a mulher, que vive ilegalmente nos Estados Unidos.

PRJorge: – Es algo que no me ha dejado tranquilo, es algo que...Es algo que me

incomoda...Es algo que se me dá coraje, que me molesta. Y es algo que me molesta, no sé, no sé que pasó...(está visivelmente emocionado e com raiva)

(É algo que não tem me deixado tranquilo, é algo que...É algo que me incomoda...É algo que me dá coragem, que me dói. Me dó não saber o que aconteceu...)

PRValéria: – O governo americano diz que o caso está sob investigação.

PRJorge: – Y venir al mar para mí es una fuga, es un momento...yo tengo un afecto especial con el mar.

(E vir para o mar é uma fuga para mim, é um momento..eu tenho um afeto especial com o mar. O mar pra mim é uma das maiores coisas da vida. Deus me saúda todos os dias com o mar. Acho que o mar pode curar.)

Parte 8:

(Imagem de Jorge saindo do mar com um neto de Rosalba, de mãos dadas, demonstrando proximidade com o menino)

PRCaco: – Jorge, isso está relacionado com aquele conceito de jornalista não se envolve com as fontes? (risos)

PRNeto: – ¿Vamos para el mar?

(Vamos para o mar?)

PRCaco: – Ele está te convidando para ir ao mar, pode ir com ele.

(Jorge e a criança saem para voltar ao mar e Caco volta sorrindo).

PRCaco: No próximo bloco:

PRÁlvaro: – Vamos acalmarnos....

(Vamos nos acalmar...)

PRCaco: Pela primeira vez na vida a colombiana Rosalba entra no mar. E os jornalistas acabam se envolvendo mais uma vez.

BREAK

Parte 9:

PRCaco: – A colombiana Rosalba se prepara para conhecer o mar pela primeira vez.

PRHomem: – ¿No conocía la playa?

(Não conhecia a praia?)

PRRosalba: – No.

(Não).

PRHomem: – Bueno, disfrutela.

(Então aproveite.)

PRCaco: Mas ela resiste em entrar na água.

PRRosalba: – Ai, eso me dá mareo.

(Isso me dá tontura.)

PRFilha: – No, vamos vita. No se te vá hacer nada. No se preocupe.

(Não, vamos vida. Não vai te acontecer nada. Não se preocupe.)

(Rosalba chora. O repórter Álvaro se aproxima e lhe oferece o braço)

PRÁlvaro: – Cógeme.

(Segure-se em mim.)

PRCaco: Álvaro precisa parar a gravação para apoiar Rosalba.

PRÁlvaro: – Vamos acalmarnos, ¿sí?

(Vamos nos acalmar, sim?!)

PRRosalba (dublagem): Eu estou lembrando de quando mataram minha família (chora).

PRÁlvaro: – No, hay que acalmarse.

(Não, tem que se acalmar.)

(Passa a mão no braço da senhora em uma atitude de acalmar e passar confiança)

PRÁlvaro: – Mírame a mí. Hay que expulsar todo lo que tenemos adentro y por eso estamos acá.

(Olhe para mim. Tem que tirar tudo o que está aí dentro e por isso estamos aqui.)

PRCaco: – Álvaro, está tudo bem?

PRÁlvaro: – Si, todo bien.

(Sim, tudo bem)

(Álvaro dá a mão à Rosalba e eles vão entrando no mar.)

PRCaco: Já está passando, ela diz.

PRÁlvaro: – Viene la familia.

(Venha a família.)

PRCaco: – Eu falei com a filha. Ela disse que o mar trouxe recordações.

PRÁlvaro: – ¡Sí! Fue una recordación, y es una recordación, pero en esto momento miralá como está. O sea, acabamos de hacer algo por alguien.

(Foi uma recordação, mas nesse momento veja como ela está, nós acabamos de fazer algo por alguém.)

PRCaco: – Te emociona?

PRÁlvaro: – Mucho, muchísimo.

(Muito, muito mesmo.)

PRCaco: – É, o Álvaro está emocionado. Ele confirma que a Dona Rosalba, ao entrar no mar, teve fortes recordações do passado dela, com a perda da mãe, a perda do marido, com a perda dos filhos. E ele acha que fez uma coisa muito positiva. Eles fizeram uma coisa muito positiva, que foi romper com esse trauma que ela tem entrando no mar.

PRCaco: O mexicano Jorge decidiu ler mais sobre a história da Colômbia, e trouxe para sua reportagem uma reflexão.

PRJorge (dublagem): A paz de um lugar que viveu anos de conflito depende de cada um. Uma reconciliação íntima. Perder o rancor do passado, isso talvez é o que Rosalba começou a fazer enfrentando o medo do mar.

PRRosalba (dublagem): Quando eu entrei na água tudo foi passando, fui perdendo o medo, me esquecendo. Eu dizia, meu Deus, dai-me forças.